



No ano de 2017, o Presidente do Conselho de Administração da Fundação A LORD, Dr. Francisco Leal, foi substituído, a seu pedido, pelo Vice-presidente, Sr. Francisco Moreira da Silva, que exercia este cargo desde a criação da Fundação.

Assim, cumpre ao atual Presidente, em nome da Instituição, deixar algumas palavras de agradecimento ao Dr. Francisco Leal pela competência demonstrada na gestão da Fundação, nomeadamente na administração do seu património, na definição da sua organização interna, na coordenação do trabalho com os restantes órgãos que a compõem e no relacionamento com outras Instituições.

A programação expressa, na revista “Presença” de 2017, confirma a execução do plano de atividades aprovado no início do ano. É de destacar o desempenho dos departamentos - Auditório, Biblioteca, Cooperação, Escola de Artes, Formação e Museu - para levar a cabo a concretização das diversas iniciativas inseridas nesse plano. Graças ao seu desempenho, assistiu-se, durante o ano de 2017, a vários eventos culturais: concertos, exposições, colóquios, teatro, ballet, feira do livro... Salienta-se, ainda, as iniciativas de caráter formativo e solidário.

A evolução do trabalho de cada um dos departamentos traduz de forma inequívoca o cumprimento dos objetivos a que a Instituição se tem proposto ao longo da sua existência - intervenção no plano cultural e social, tendo em vista o desenvolvimento e bem-estar da comunidade.

Serão, pois, estas as questões que se afiguram importantes para a atual Direção nos próximos anos. Para isso, a Fundação A LORD conta com o entusiasmo de todos para enfrentar os futuros desafios!

Francisco Moreira da Silva
Presidente da Fundação A LORD



Ficha Técnica

Presença

Revista da Fundação A LORD
Ano 19, n.º 26, 2017

Diretor

Francisco Carlos Jorge Moreira da Silva
Presidente do Conselho de
Administração da Fundação A LORD

Coordenação

Ana Maria Martins
Lasalette Silva

Colaboração

Álvaro Pacheco
Ana Cristina Silva
Ana Ferreira
Ana Maria Cabral
Ana Maria Martins
Beatriz Ester Moura de Castro
Célia Sousa
Donzília Martins
Eugénia Gonçalves
Fátima Carneiro
Henrique Manuel Pereira
Lasalette Silva
Levi Guerra
Manuel Monteiro
Manuela de Abreu e Lima
Maria da Graça Mourão
Maria Florinda Almeida
Marília Almeida
Odete Mendes
Rosário Correia Machado
Rui Leal
Sara Lamas
Sílvia Rebanda
Vera Santos Silva
Vítor Moreira

Edição e propriedade

Fundação A LORD
Rua da Cooperativa, 27
4580-809 Lordelo PRD
Tel.: 224 447 357
geral@fundacaoalord.pt
www.fundacaoalord.pt

Periodicidade

Anual

Tiragem

500 exemplares

Depósito legal

161497/01

Design gráfico

Xpto Design

Impressão

Orgal Impressores

Fotografia

Pedro Figueiredo (pag. 60 e 61)

AUDITÓRIO

Um Olhar sobre os 20 anos da Fundação A LORD - Exposição	6
Concerto de Reis	6
Outra Maneira de Ver a Literatura - Exposição	7
Vida em Danças e Cantares	10
Audições da Escola de Música - Concertos	11
Tertúlia dos 40 - Música, Humor e Revivalismo	12
Suscetível ao Elogio - Espetáculo de Circo	13
Pequeno Trabalho para Velho Palhaço - Teatro	13
Souto Moura - Mostra de Arquitetura	14
Souto Moura - Mostra de Arquitetura I	15
XVIII OrffLORD - Encontro de Coros	15
Audição Final do Ano Letivo 2016/2017 - Dança	16
Grupo Coral da Justiça - Coral, Instrumental, Danças e Cantares Populares	16
Outubro Musical - Concertos	17
Mulheres de Camilo - Exposição	18
Viúva, Porém Honesta - Teatro	18
XXI Aniversário da Fundação A LORD, XVII Aniversário da Biblioteca da Fundação A LORD	19
Exposição de Presépios	20
Pinóquio, Bailado em 3 Atos	20

BIBLIOTECA

Histórias de Encantar, Teatro de Fantoques	22
Escritor do Mês	23
O Leituras Sugere...	23
Um Poema	24
Dia Mundial do Livro	25
Dia Internacional do Livro Infantil	27
Encontro com a Escritora Joana Nogueira	27
Feira do Livro	28
Visita Cultural: Percurso pelo Baixo Minho	30
XVII Ateliê de Olaria	30
XVII Aniversário da Biblioteca, XXI Aniversário da Fundação A LORD	31
Espectáculos de Teatro - Do Livro para o Palco	32
O Príncipe Nabo de Ilse Losa	32
O Nosso Blogue	32
O Nosso Catálogo On-Line	32

COOPERAÇÃO

Ateliês	34
Atividades nas Férias	35
Comemoração do Dia Mundial dos Avós, Comemoração do Dia de São Martinho	36
Visita Cultural às Minas de Ouro de Castromil	37
Colónia de Férias	37
Visitas Culturais	38
Natal, Tempo de Partilha!	39
Serviços de Mediateca	40
Gabinete de Apoio ao Doente	40
Cedência Gratuita do Autocarro	40
Lordelo Solidário	40



	ESCOLA DE ARTES	
	Clube de Teatro	42
	Escola de Dança	43
	Escola de Música	44
	Orfeão	45
	Orquestra	46
	FORMAÇÃO	
	Formação de Recursos Humanos	48
	MUSEU	
	Visita ao Museu	50
	OPINIÃO	
	Partilhar Quem Sou, Partilhando o que Tenho - Álvaro Pacheco	52
	A Educação Pré-escolar: Início de um Processo de Educação ao Longo da Vida - Beatriz Ester Moura de Castro	54
	A Paixão dos Livros: ou as palavras que andam connosco - Henrique Manuel Pereira	56
	Sobre a Visita do Papa a Fátima - Levi Guerra	58
	Apontamentos, Memórias - Manuela de Abreu e Lima	60
	A Casa Queimada - Texto de Maria Florinda Almeida	62
	Ilustrações de Marília Almeida	
	A Rota do Românico em Paredes - Rosário Correia Machado	65
	O Crime de Abandono dos Idosos - Sílvia Rebanda	67
	Viagens de Antanho (III) - Vítor Moreira	68
	Recordando o Professor Doutor Daniel Serrão... - Ana Maria Martins	70
	POESIA	
	Porquê?, Chuva, Doce mar - Ana Maria Cabral	72
	Sei, Manhã, Torga, Felizmente há os versos - Donzília Martins	73
	EVENTOS EXTERNOS	

Auditório



O Auditório da Fundação A LORD confirma, ao longo da sua existência, o verdadeiro significado de um “centro cultural”, a partir do qual se promovem encontros e se cruzam várias artes.

Daqui decorre um chamamento da comunidade que, ao participar nas diversas atividades do Auditório, percebe o valor da cultura, seja através do debate em conferências, audição de concertos, seja na fruição de espetáculos de teatro, dança ou outras celebrações.

Despertar vontades para a concretização de projetos continuará a ser, certamente, um dos desígnios da Fundação, a fim de tornar o espaço do Auditório num centro de divulgação cultural de referência.

UM OLHAR SOBRE OS 20 ANOS DA FUNDAÇÃO A LORD

EXPOSIÇÃO (1996 a 2016)

Ana Maria Martins

▶ A exposição documental “Um olhar sobre os 20 anos (1996 a 2016) da Fundação A LORD”, aberta ao público a 24 de setembro de 2016, prolongou-se até ao final de janeiro de 2017, permitindo dar a conhecer a evolução da Fundação A LORD numa perspetiva cultural e social.

Os documentos expostos - revistas, livros, fotografias, cartazes, convites, objetos... - definiram o historial da Instituição ao longo dos vinte anos da sua existência.

A partir de cada um destes elementos e respeitando uma linha cronológica, cada um dos visitantes pôde testemunhar os eventos realizados em todos os departamentos - Auditório, Biblioteca, Cooperação, Escola das Artes, Formação e Museu. Desta forma, lembraram-se as exposições, as conferências, as palestras e os espetáculos que deram consistência à função que cabe à Instituição como dinamizadora da vida cultural da comunidade.

Assim, esta retrospectiva dará corpo a um arquivo que fará parte da Fundação A LORD.



CONCERTO DE REIS

Lasaete Silva

▶ A Fundação A LORD promoveu o “Concerto de Reis” que se realizou na tarde de domingo do dia 8 de janeiro, no seu Auditório.

Como é habitual, este evento desenvolveu-se, em momentos diferentes. No primeiro momento, o Orfeão da Instituição cantou à capela algumas músicas de caráter tradicional e eruditas: “Adeste Fideles” (D. João IV, Rei de Portugal), “Joy to the World” (Händel), “Hallelujah” (Leonard

Cohen), “Linda noite” (tradicional portuguesa), “We three kings” (tradicional inglesa), “Ding Dong! Merrily on High” (tradicional inglesa) e “Feliz Navidad” (Tradicional EUA).

No segundo momento, ouviram-se melodias instrumentais: “Alpina Fanfare” (Franco Cesarini), “3.ª Sinfonia” (Alfred Reed) e “October” (Eric Whitacre) pela Orquestra da Instituição.

Para finalizar o concerto, reuniram-se

no palco o Orfeão, a Orquestra, os alunos da Escola de Música e os respetivos pais, elementos do Conselho de Administração, funcionários e colaboradores d’A LORD que partilharam o cântico “The Magic of Christmas” de Jan van Kraeydonck.

O público participou com entusiasmo no concerto fazendo ouvir a sua voz.



OUTRA MANEIRA DE VER A LITERATURA

EXPOSIÇÃO

Odete Mendes

▶ Desta vez, A LORD levou-nos a viajar por uma área diferente – a caricatura. Considerada normalmente uma arte menor, é raro que se lhe dê o destaque merecido – pensemos, por exemplo, que a caricatura pode ser imortal e sobrepor-se ao artista seu autor como é o caso do Zé Povinho, criado por Rafael Bordalo Pinheiro (esse mesmo, o que criou a fábrica das Caldas, produtora, entre muitas maravilhas, da loiça com forma de couve, tão apreciada por portugueses e estrangeiros).

Com a generosa colaboração da Casa de Camilo, A LORD apresentou...

FUNDAÇÃO
A LORD

**DAS
LETRAS**

RETRATOS LITERÁRIOS
DE ESCRITORES

CARICATURAS DE
CÁSSIO LOREDANO

PORTUGUESES
1 DE FEVEREIRO
A 17 DE MARÇO

LUSÓFONOS E
DE OUTROS PAÍSES
21 DE MARÇO
A 29 DE ABRIL

Exposição cedida pela Casa de Camilo

Vou tentar responder a três perguntas suscitadas por esta exposição.

1.ª: O que é uma caricatura?

A caricatura é uma visão pessoal que um desenhador tem de alguém conhecido (político, artista, etc.). Exagera as características da pessoa de uma forma que se pretende cômica, acentuando gestos, vícios e hábitos particulares em cada indivíduo. A caricatura pode ser, assim, uma brincadeira sobre as características da pessoa caricaturada, ou, com mais impacto, uma crítica de costumes.

Resta-nos referir que os traços, para além de distorcidos, são poucos e, naturalmente, devem permitir o reconhecimento da figura.

2.ª: Quem é Cássio Loredano?



Nasceu em 1948, no Rio de Janeiro. Iniciou a sua carreira por volta de 1967 e trabalhou como editor, ilustrador, repórter, radialista e, finalmente, caricaturista.

Entre 1975 e 1994 residiu e trabalhou em diversos países europeus como Portugal (O Jornal), Espanha (El País), Alemanha, Roma (La Repubblica) e França (Libération).

Em 1994 regressou ao Brasil onde trabalhou com vários jornais e revistas e continuou a publicar livros com as suas caricaturas. Loredano? Caricaturas e Loredano? Alfabeto Literário ganharam o prémio de Melhor Livro de Caricaturas do ano 1994 e 2002.

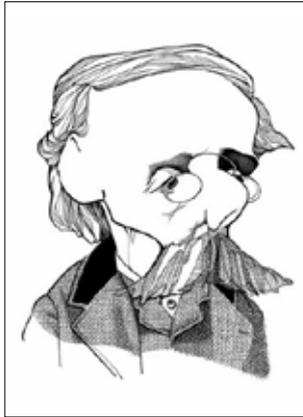
O seu gosto pela caricatura levou-o a publicar várias coletâneas de alguns dos principais artistas desta área, quer do Brasil quer da restante América Latina.

Avesso às novas tecnologias, não usa computador nem sequer para digitalizar os seus desenhos. Os originais são apenas em papel e tinta nanquim.

3.ª: Quem são os caricaturados?

Por incompatibilidade do espaço no átrio do Auditório com a exposição total, a A LORD dividiu-a em duas: escritores portugueses / escritores de países lusófonos e estrangeiros. Como não podemos falar de todos eles, escolhi alguns dos mais representativos e proponho-vos um jogo – ver se conseguem associar o texto e caricatura ao nome. Para verificarem ou corrigirem a vossa cultura literária, procurem nesta revista e, em qualquer sítio, encontrarão as respostas corretas.

Bom resultado!



1

Viveu no Porto e esteve preso por causa da sua amada.



2

Com família de Rio Tinto, este moçambicano destaca-se pela criação de palavras e pelo azul dos olhos.



3

Tinha fama de mau feitio e a Igreja Católica detestava-o. Mas recebeu o mais alto prémio literário.



4

O seu verdadeiro nome era Adolfo Correia da Rocha.



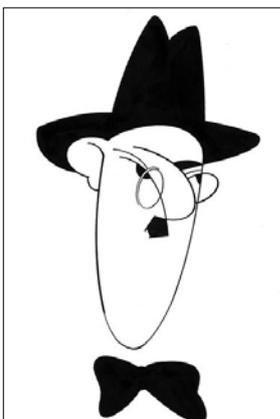
5

É considerado o pai do teatro português.



6

“Ser ou não ser, eis a questão.”



7

Foi um dos dois maiores poetas portugueses.



8

Por trás da maior escritora do séc. XX, está um filho opinioso que não gosta de professores.



9

É mais conhecido pelas anedotas, mas tem sonetos espantosos.



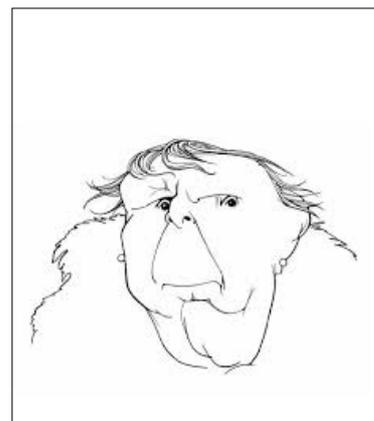
10

É chamado o poeta da realidade de Lisboa.



11

Nas suas obras aparecem vários incestos.



12

É autora de *A Sibila* e foi ministra.



13

Vira as costas à Câmara do Porto.



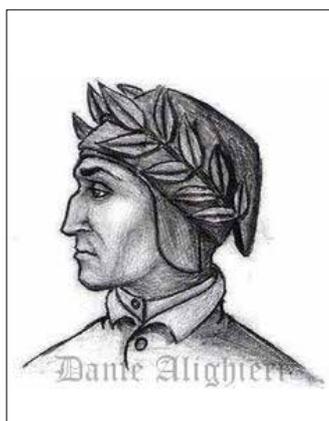
14

Era explicador de Matemática da Alice.



15

Este castelhano escreveu um dos mais lidos livros do Mundo: *D. Quixote da la Mancha*.



16

É o italiano que andou no “inferno dos namorados” guiado por Virgílio.



17

Este psiquiatra já esteve n' *Os Cus de Judas*.



18

“Vendeu um olho por dois tostões.”

VIDA EM DANÇAS E CANTARES

Odete Mendes

► No dia 25 de fevereiro, A LORD, no seu Auditório, ofereceu-nos mais um espetáculo memorável. Desta vez, pudemos assistir à exibição d'Os Expansivos, um grupo de folclore (danças e cantares) de Lordelo. Os participantes trouxeram-me à memória um nome de que decerto quem tem a minha idade se lembra: Pedro Homem de Mello. Foi com ele que aprendi a apreciar este tipo de dança, a beleza dos movimentos, a alegria dos rostos e das cores. E não pensem que era só eu - o país todo, independentemente da idade, conhecia Pedro Homem de Mello e os seus programas na televisão. Para além de folclorista, também era poeta (conhecem **Povo que lavas no rio** e **O rapaz da camisola verde**, dois poemas dele que a Amália imortalizou?). Mas não vos vou falar dele (para que serve a Internet?), deixo-vos só o poema que me vem à ideia sempre que vejo um belo grupo folclórico como é o caso d'**Os Expansivos**.



O BAILADOR DE FANDANGO

Sua canção fora a Gota.
Sua dança fora o Vira.
Chamavam-lhe "o fandangueiro".
Mas seu nome verdadeiro
Quando bailava, bailava...
Não era nome de cravo
Nem era nome de rosa;
- Era o de flor, misteriosa,
Que se esfolhava, esfolhava...
E havia um cristal na vista
E havia um cristal no ar
Quando aquele fandanguista
Se demorava a bailar!
E havia um cristal no vento
E havia um cristal no mar.
E havia no pensamento
Uma flor por esfolhar...
Fandangueiro! Fandangueiro?
(nem sei que nome lhe dar...)

Tinham seus braços erguidos
Nem sei que ignotos sentidos...
- Jeitos de Asa pelo ar...
Quando bailava, bailava,
Não era folha de cravo
Nem era folha de rosa.
Era uma flor, misteriosa,
Que se esfolhava, esfolhava...
Que se esfolhava, esfolhava...

Domingos Enes Pereira,
Do lugar de Montedor,
(O bailador do Fandango
Era aquele bailador!)
Vinham moças da Areosa
Para com ele bailar...
E vinham moças de Afife
Para com ele bailar.
Então as sombras dos corpos,
Como chamas traiçoeiras,
Entrelaçavam-se e a dança
Cobria o chão de fogueiras...
E as sombras formavam sebe...
O movimento as florira...
O sonho, a noite, o desejo...
Ai! belezas de mentira!
E as sombras entrelaçavam-se...
Os corpos, ninguém sabia
Se eram corpos, se eram sombras,
Se era o amor que se escondia...



Já há muito tempo que não fazia rimas e o espetáculo trouxe-me a toada popular:

Muitas saias a rodar
E batimentos no chão
Os braços bem para o ar
Os trajos bem coloridos
E elegante menear.
Cavaquinho e acordeão
Instrumentos populares
São a herança e memória
De antigos familiares.
Pequenos de palmo e meio
Mostram prazer a dançar
Ao lado de gente grande
Até parecem inchar.

Mas vamos à prosa, que é mais simples. O grupo, que apresenta uma mestria significativa, recolheu, junto dos avós, trajos, cantares e danças que preserva com muito afeto e orgulho. Foi este património que nos apresentou no espetáculo dividido em 4 partes: **Cantigas de romaria, Cantares, Danças e Cantares**. Do repertório destaco alguns títulos pela sua poesia - *Lua amarela, Verdegas, Um dia ao luar, 2 ternos (Passarinho e Cerejinha)*; outros pelas imagens populares que nos enchem a alma - *Senhor da Pedra, Tirana, Regadinho...* Neste último grupo destaco a *Senhora do Alívio* que, sendo original da zona de Braga, enche o coração dos lordelenses.

Depois de ter partilhado as minhas memórias convosco resta-me agradecer a A LORD e a Os Expansivos pela viagem que me levaram a fazer ao coração.

Até à próxima!



Procissão da Senhora do Alívio

AUDIÇÕES DA ESCOLA DE MÚSICA

CONCERTOS

Lasaleta Silva

► Os alunos da Escola de Música da Fundação A LORD tiveram a oportunidade de mostrar os conhecimentos musicais adquiridos, durante o ano de 2017, aos seus familiares e amigos, através da "Audição do Carnaval" e da "Audição Final do Ano Letivo 2016/2017", realizadas no dia 27 de fevereiro e 19 de junho, respetivamente.

Cento e quarenta e duas pessoas puderam ouvir músicas de di-

versos instrumentos, nomeadamente piano, saxofone, guitarra, cavaquinho, flauta, violino, clarinete, percussão e, ainda, apreciar o canto interpretado por alguns alunos da Escola.

Estes pequenos concertos proporcionam momentos musicais de muita alegria para familiares, amigos e outros.



TERTÚLIA DOS 40

MÚSICA, HUMOR E REVIVALISMO

Odete Mendes

► Este título é engraçado e misterioso, não é verdade?

Começemos pelo fim... 40. A mim, a primeira associação que me vem à cabeça é o Ali Baba e os seus 40 ladrões, mas não vejo 40 ladrões a entrarem pelo Auditório adentro... Outra hipótese é que seja uma referência aos anos 40... Outra, ainda, é que se trate de um grupo de quarentões...

O grupo que se apresentou no Auditório da Fundação A LORD, no dia 25 de março de 2017, é composto, apenas, por três elementos. Vejam lá se conhecem algum:

São mesmo quarentões mais ou menos conhecidos da televisão e da rádio e, aqui, muito bem arranjados. Da esquerda para a direita vemos Carlos Daniel (jornalista e comentador desportivo da RTP1 e Antena 1), Filipe Fonseca (pianista e cantor, que já trabalhou na Praça) e João Ricardo Pateiro (relator de futebol na TSF e animador da "malta").

Como podem ver pelas expressões na fotografia, são todos "malandrecos", o que se reflete no espetáculo... mas esperamos mais um pouco!

Ainda no nome do grupo encontramos a palavra tertúlia. Muito usada há um século atrás, os seus sons fechados, sombrios, dão-lhe um ar de

mistério, que, aliás, caracterizava as suas reuniões. A tertúlia era um grupo de amigos que se reuniam para discutir temas do seu interesse. A maior parte das tertúlias eram literárias, mas, antes do 25 de abril, muitas eram políticas. Esta Tertúlia dos 40 parece ser o encontro de 3 amigos amantes da música, do entretenimento em geral e do futebol.

Voltemos, agora, ao dia 25 de março, a uma fotografia ao vivo. João Ricardo está, aqui, com óculos escuros, mas também usou boina, um lenço de mulher e outros adereços representativos dos cantores e cantoras que imitou.

O Carlos Daniel está todo feliz, mas haviam de o ver no início do espetáculo, quando procurou e reconheceu os pais na assistência (sim, porque ele é de Paredes) e quase lhe falhou a voz embargada.

Vamos, finalmente, esmiuçar o espetáculo que prendeu o público do princípio ao fim...

Para animar a malta, começaram por se auto-apresentar com "aquela cantiga dos cromos", o seu primeiro tema original, e muitas anedotas, que não deixaram em paz o Pinto da Costa. Com toda a gente bem-disposta, avançaram para o Festival da Canção e puseram o auditório a cantar a *Tourada*, *Playback*,

SÁBADO
25.MAR 2017
21H30

AUDITÓRIO
FUNDAÇÃO
A LORD

TERTÚLIA DOS 40
ESPETÁCULO DE MÚSICA, HUMOR E REVIVALISMO

CARLOS DANIEL, FILIPE FONSECA E JOÃO RICARDO
LEVAM-NOS A UMA VIAGEM NA NOSSA MEMÓRIA

ENTRADA LIVRE
COM RESERVA DE LUGARES
ATE AO LIMITE DA LOTÇÃO DA SALA

AUDITÓRIO DA FUNDAÇÃO A LORD
RUA DA DOCTORALHA, 27 | 4500-000 LOUREL PAREDES
TEL: +351 485 367 | FAX: 010 950
WWW.FUNDAÇAOALORD.PT | EMAIL: @FUNDAÇAOALORD.PT

A LORD
MUSIC
FUNDACIÓN A LORD



A Cidade (até ser dia) e tantas outras. Também não faltou Rui Veloso de quem cantaram *Pai-xão*, (mais conhecida por concerto no Rivoli), seguido dos grandes temas dos anos 80... E a casa quase ia abaixo com toda a gente a cantar a plenos pulmões, mesmo as cantigas em inglês!

No meio disto tudo ainda houve músicas de publicidade bem antiquinhas mas que ainda marcam a nossa memória, desenhos animados (quem não se lembra da Abelha Maia?), séries televisivas, etc... E sempre o

humor com imitações, histórias cómicas do futebol e jornalismo.

Para terminar, houve algo inédito: canções *à la carte*. Alguém do público pedia uma canção. O Filipe Fonseca procurava-a no seu computador, tocava-a e todos, mas todos, a cantavam. Só houve um pedido que não puderam satisfazer – *Amar pelos dois* – pois o Festival da Eurovisão tinha sido há muito pouco tempo.

Enfim, foi um espetáculo encantador, familiar, revivalista que agradou, decerto, aos mais exigentes. Eu, fiquei já!!!

SUSCETÍVEL AO ELOGIO

ESPETÁCULO DE CIRCO

(29 de abril)

Ana Maria Martins

▶ O circo contemporâneo mereceu nos últimos anos uma atenção particular pela utilização de diversas linguagens e técnicas criativas. Neste sentido, a Fundação A LORD convidou, pela primeira vez, a Companhia Cia Um por 1 para mostrar o seu último trabalho.

A peça exibida, “Suscetível ao Elogio”, de cariz conceptual mostrou que o gesto fundamenta a linguagem, a comunicação e as nossas relações.

Este grupo circense “comunicou o quê ao público?”. Coube a este dar a resposta, descobrindo nos gestos criativos e nos símbolos a mensagem apresentada pelos artistas.

Confirmou-se, assim, o mérito da arte circense no âmbito das diversas manifestações artísticas que tão bem foi revelado pela Companhia Cia Um por 1.



PEQUENO TRABALHO PARA VELHO PALHAÇO

TEATRO

Donzília Martins

▶ No dia 20 de maio de 2017, a Fundação A LORD mais uma vez nos presenteou com um maravilhoso e divertido espetáculo “Pequeno Trabalho para Velho Palhaço”.

Tendo tido o dia excessivamente cheio e cansativo, pois foi o 53.º Aniversário dos Colegas de Curso do Magistério Primário de Vila Real, não quis, nem podia perder, este pedaço de cultura que a Fundação A LORD tão bem oferece em cálice dourado a quem a quer beber.

Eu bebi, saboreei e entrei dentro da peça para pensar.

Entre comigo amigo leitor e pense também.

Sim, porque o tema tão bem escolhido pela companhia de teatro SEIVA TRUPE é atualíssimo e infelizmente comum a grande percentagem de jovens que procuram desesperadamente o primeiro emprego e de menos jovens que por qualquer motivo deixaram de o ter.

A espera, dramaticamente sentada de costas para a vida, mas de frente para a porta da esperança e da realidade atual.

Os candidatos ao anúncio vão aparecendo com sonhos agarrados em cada mão ou dentro de uma velha mala, vão tentando que o outro desista da penosa e prolongada espera para cada qual ter mais oportunidade!

A porta sempre fechada! Batem e ela não abre, é surda, cega e muda!

É um enigma, é um muro para além do qual moram esperanças, é um obstáculo caudalítico a que batem sem respostas.

Um bater, bater, de murros fechados e desesperados, na porta sem ouvidos.

Ninguém atende. Um grito e ninguém acode. Palavras soltas ao vento, ao tempo, à angústia, à morte das horas lentas que o relógio não marca na ânsia do desejo da chamada.

E ninguém abre! Ninguém passa para lhes dar um ombro, um olhar, uma mão que os erga do chão, que lhes sacie a fome do trabalho que vai escasseando.

Três palhaços na palhaçada da vida! Três vidas que se multiplicam em sonhos, em vazio, em mágoas de pão, em malas fechadas que anunciam um caminho.

A temática, a procura do emprego em que cada um tenta pôr à prova os seus méritos, a sua arte, o seu sonho de viver, os seus talentos escondidos que querem desenterrar da areia e pôr a render, em que cada um tenta fazer o seu melhor.

São artistas, mas são também homens desesperados, cuja fábrica de fazer sonhos fechou e já ninguém quer os seus sonhos porque são demasiado velhos para sonhar!...

Em cada noite a casa vive mais triste, mais escura, mais vazia, sem luar, sem esperança de um dia melhor e mais feliz.

São jovens à procura do primeiro emprego de sonhos bailando no coração e depois desfeitos no mar da desilusão! O emprego que não abre, que não vem, que é miragem no deserto onde não há portas e janelas floridas. As que existem e parecem entreabertas pairam apenas na imaginação.

Há currículos cheios que se enviam e fazem caminhos sem retorno. Para aqui, para ali, para além, e as respostas vivem nos silêncios desesperantes onde a fé aos pouquinhos vai morrendo.



Depois há a fuga para algo que lhes faça esquecer as noites perdidas de estudo, de tanto sacrifício dos pais, e, quantas vezes a queda!

Outros aceitam as migalhas de pão que caem das mesas, leia-se empresas ricas e que os lázaros vão comendo para sobreviver.

Alguns, e são muitos, abalam para a diáspora onde as portas entreabertas deixam entrar a luz e raios de esperança. Ai vivem de saudades, de dor, de ansiedade em voltar e encontrar cá no seu chão, o que a terra madrasta lhes negou.

Aqui os nossos três palhaços, desesperados, vão sorrindo por en-

tre lágrimas, vão sonhando, vão crendo, vão bebendo pedaços de esperança, vão batendo, vão espreitando, vão desafiando o espetáculo da vida.

Finalmente quando a porta cai, é o fim!

Lá dentro a vida morta, o vazio, o silêncio, a desesperança.

Eles irão continuando o caminho, vivendo as várias etapas, espreitando as esquinas, encostando-se à noite a ver se a luz se acende no fundo do túnel e uma nova estrela brilha.

E o palhaço ri...

SOUTO MOURA – MOSTRA DE ARQUITETURA

Ana Maria Martins

▶ A exposição “Souto Moura - mostra de arquitetura”, aberta ao público de 10 de junho a 14 de outubro de 2017, na Fundação A LORD, proporcionou uma experiência com diversas dimensões. Recordando a Umberto Eco pode afirmar-se que “«Numa experiência, correr significa correr de algo para algo». Desse modo, são experiências, (...) uma ação levada a cabo segundo o fim programado”.

Nesta perspetiva, a mostra salientou o valor da Arquitetura enquanto “atividade mental” e arte de encontrar soluções equilibradas para resolver problemas do espaço em determinado tempo.

O Arquiteto Souto Moura, autor de uma obra notável, permitiu o conhecimento de alguns dos seus projetos ao aceitar o convite da Fundação A LORD. No dia da abertura da exposição, ficou clara a visão do Arquiteto sobre questões relacionadas com os seus trabalhos: as suas inquietações e convicções para dar resposta às propostas que lhe são apresentadas.

Deste ponto de vista, os onze projetos expostos, pertencentes ao acervo da Casa da Arquitetura, entidade coprodutora da exposição, evidenciaram “a aparente simplicidade” plena de inteligência e fruto de apurada reflexão. A exposição afirmou-se, assim, como um exercício exigente de observação relativamente ao desenho dos projetos, ao detalhe das maquetes e até em relação à beleza das peças de mobiliário, joalharia, iluminação e design.

É, ainda, de realçar o rigor na montagem da exposição que teve a colaboração de Souto Moura-Arquitectos SA, Casa da Arquitectura e AMAG, garantindo aos visitantes a apreciação de onze maquetes,

catorze painéis, esboços originais e desenhos técnicos.

Deste modo, ofereceu-se uma experiência valorativa a todos os visitantes, em particular à comunidade lordelense que, de outra forma, não teria acesso à obra do Arquiteto Souto Moura. Seguramente, a partir desta experiência haverá a motivação necessária para ir ao encontro da materialização dos projetos expostos no seu contexto próprio.



SOUTO MOURA – MOSTRA DE ARQUITETURA I

(De 10 de junho a 14 de outubro)

Vera Santos Silva

▶ No dia 16 de junho de 2017, a Fundação A LORD inaugurou a exposição do arquiteto Eduardo Souto Moura, tendo a honra de contar com a sua presença.

Patente durante quatro meses, a mostra possibilitou a partilha de alguns projetos de Eduardo Souto Moura, galardoado em 2011 com o Prémio Pritzker, em 2013 com o Prémio Wolf e em 2017 com o Prémio Piranesi, entre outras numerosas distinções.

Pensada para ser apresentada a um público mais abrangente, esta exposição de arquitetura permitiu concretizar uma leitura do pensamento e realização arquitetónica do autor a partir de 11 projetos ilustrados através de maquetes, imagens, desenhos e esboços.

Produzidos ao longo de duas décadas (1987-2007), os projetos apresentados permitiram uma abordagem a diferentes escalas, da casa unifamiliar ao equipamento público de grande envergadura: desde o emblemático projeto da Casa no Douro (2004), passando pela intervenção no Convento de Santa Maria do Bouro (1989-1997) até ao projeto para o Palácio de Congressos de Palma de Mallorca, Espanha (2005). Implícito em

todos eles, a coerência e a mestria do arquiteto, o exímio domínio dos materiais (pedra, betão, ferro e vidro) e a incessante procura da lucidez entre a forma e o programa. Invariavelmente, o resultado deriva da leitura do local, respondendo às condicionantes existentes ou impostas, onde permanece, sempre, o essencial: os elementos físicos

que compõem as construções.

Ao acolher esta mostra, a Fundação A LORD cumpriu o objetivo de estreitar o laço entre a prática da arquitetura e um público mais generalista, possibilitando aos visitantes a (re)descoberta de um dos mais importantes arquitetos do panorama nacional e internacional.



XVIII ORFFLORD

ENCONTRO DE COROS

Lasaleta Silva

▶ No dia 10 de junho, a A LORD realizou mais um encontro de coros, o "XVIII OrffLORD".

Para além do Orfeão da Fundação, atuaram o Coral da Misericórdia de Santo Tirso e o Coral Polifónica da AVCR San Mamede de Zamáns (Pontevedra).

O Coral da Misericórdia de Santo Tirso,

fundado em outubro de 1998, é composto por cerca de trinta e cinco elementos e é dirigido pelo Prof. José Manuel Pinheiro. Por sua vez, o Coral Polifónica da AVCR San Mamede de Zamáns, criado em dezembro de 1997, conta com mais de quarenta vozes mistas e é dirigido pelo diretor e compositor

D. Enrique Lorenzo Vila.

Cada um dos coros apresentou um repertório diversificado o que contribuiu para o sucesso do espetáculo.

Promoveu-se, assim, a cultura musical, através do intercâmbio entre os vários grupos corais.



AUDIÇÃO FINAL DO ANO LETIVO 2016/2017

DANÇA

Lasaete Silva

► A Fundação A LORD realizou, pela primeira vez, a “Audição Final do Ano Letivo 2016/2017” da Escola de Dança, no dia 27 de junho, no Auditório A LORD.

O espetáculo – composto pelas modalidades Ballet, Danças de Salão e Hip Hop – foi apresentado por 32 alunos da Escola.

Para além dos frequentadores, o Ballet contou com a participação de quatro alunas convidadas da Academia Artes e Ritmo de Rio

Tinto. A atuação das Danças de Salão foi complementada pela interpretação da música “Let it go”, da Disney Frozen, pelo prof. Hugo Romano e por uma criança de cerca de 4 anos.

Esta audição mostrou, em ambiente de descontração e boa disposição, o trabalho desenvolvido durante o ano pelos professores e alunos da Escola.



GRUPO CORAL DA JUSTIÇA

CORAL, INSTRUMENTAL, DANÇAS E CANTARES POPULARES
(16 de setembro)

Ana Maria Martins

► Em 16 de setembro de 2017, o **Grupo Coral da Justiça** apresentou, mais uma vez, no Auditório da Fundação, o seu programa sempre renovado.

O espetáculo desenvolveu-se em três partes: **Grupo Coral** com a direção artística de Francisco Ferreira, **Grupo Instrumental** dirigido por Mário Rodrigues e **Grupo de Danças e Cantares** sob a direção de Normando Machado.

Assistiu-se, assim, numa primeira parte, a interpretações de temas

de raiz erudita e popular tais como: *Inno Alla Notte* de Beethoven, *The Crown of Roses* de Tchaikovsky, *Dona Nobis Pacem* de Mozart, *Verdes são os Campos* de Luís de Camões com música de Zeca Afonso, *Menina estás à Janela* com arranjo do Professor Afonso Alves.

Na segunda parte, o **Grupo Instrumental** apresentou temas clássicos, alguns deles conhecidos do público. A título de exemplo, referenciamos: *A Flauta Mágica* de Mozart, *As Quatro Estações* de Vivaldi ou *Dr. Zhivago* de Maurice Jarre.



O espetáculo terminou com a intervenção do **Grupo de Danças e Cantares**, cujo dinamismo e coreografias ajudaram a ilustrar a diversidade de ritmos musicais das diferentes regiões de Portugal Continental e Ilhas. Salienta-se, ainda, o momento de fado de Coimbra evocando, saudosamente, Zeca Afonso.

O **Grupo Coral da Justiça** deu ao público uma lição de vida em que a cultura musical é o elo de ligação entre todos os intervenientes. Conseguiu despertar emoções muito agradáveis, trazendo à memória melodias, ritmos e sentimentos de experiências vividas.

O espetáculo foi muito rico pela diversidade musical, pela postura em palco de todos os elementos do grupo, deixando adivinhar “os ideais da paz social, da harmonia e solidariedade entre os Homens...”, tão proclamados pelo próprio Grupo Coral da Justiça.



OUTUBRO MUSICAL

CONCERTOS

Sara Lamas

▶ A Fundação A LORD comemorou o **Dia Mundial da Música**, como já é habitual, durante o mês de outubro. Este ano, as comemorações iniciaram-se com um concerto pelo Orfeão da Fundação A LORD e Orquestra da Fundação A LORD e finalizaram com um concerto de percussão por José Afonso Sousa e Tomás Rosa.

No primeiro concerto, foi possível apreciar músicas populares portuguesas com o Orfeão a interpretar temas como: “O milho da nossa terra”, “Canção do mar”, “Verde vinho”. De seguida, a Orquestra apresentou músicas de autores estrangeiros: Alfred Reed e

David Maslanka. No final, o Orfeão e a Orquestra executaram o tema “Cantigas populares” de Margarida Louro.

No último concerto, os jovens José Afonso Sousa e Tomás Rosa proporcionaram um surpreendente concerto de percussão. Um género de música pouco frequente mas muito agradável. O repertório foi composto por músicas variadas: “Silence must be heard”, “Dance of the drums”, “Despedida”, entre outras.

Deste modo, a Fundação A LORD proporcionou ao público diversos estilos de música.



MULHERES DE CAMILO

EXPOSIÇÃO

(16 de outubro a 30 de novembro)

Ana Maria Martins

▶ As nove mulheres que fazem parte da vida e da obra do escritor Camilo Castelo Branco e que mais marcaram a sua personalidade - Mãe de Camilo, Joaquina Pereira de França, Patrícia Emilia de Barros, Maria Felicidade de Couto Browne, Fanny Owen, Princesa Ratazzi, Clara Belloni e Dabedeille e Ana Augusta Plácido - consti-

tuíram a mostra “Mulheres de Camilo”, cuja seleção se deve a Aníbal Pinto de Castro, Maria de Lourdes Ferraz, José Alves Pires e José Manuel Oliveira. A produção é da Casa de Camilo.

A “leitura” desta exposição proporcionou várias pistas que permitiram a interpretação do universo feminino camiliano onde

sobressai Ana Plácido - a mulher que mais tempo viveu com o romancista e a que sintetizou as suas diversas relações.

Considera-se, portanto, que os trabalhos expostos, imagens e textos, possibilitaram a um público variado aceder a uma informação facilitadora sobre a vida do escritor, cumprindo uma função didática e pedagógica.



VIÚVA, PORÉM HONESTA

TEATRO

(18 de novembro)

Ana Maria Martins

▶ “Viúva, porém honesta” é uma comédia em três atos de Nelson Rodrigues, dramaturgo e jornalista brasileiro. Foi encenada pela primeira vez em 13 de setembro de 1957.

Estamos perante uma sátira a diversos setores da sociedade. A jovem Ivonete, padecendo de uma gravidez fantasiosa, leva o pai a procurar-lhe um marido como forma de esconder socialmente a situação em que se encontra. Dorothy Dalton, crítico teatral e foragido, foi o escolhido. Entretanto, após as núpcias mal sucedidas, o marido morre atropelado.

Depois da sua morte, Ivonete decide assumir a viuvez, mantendo-se fiel ao falecido. O pai da jovem, apreensivo, procura especialistas - um otorrino, um psicanalista e até o diabo - que vão ajudar a adolescente a resolver o seu problema, para lhe devolver a liberdade.

Mas a cura para o caso não foi conseguida, apesar dos esforços de Madame Cri Cri e dos restantes especialistas. Finalmente, a solução foi encontrada: o Dr. Diabo da Fonseca, dotado de um poder

particular, ressuscita o marido da jovem para lhe retirar a situação de viuvez. Contudo, o espírito “faz de conta” permite que o demónio, ou seja o Dr. Diabo da Fonseca, assuma o papel de marido, casando com a jovem.

O autor da peça, através das diferentes peripécias e comentários das personagens, transmite aos espectadores a arte da “mentira” como forma de satirizar e provocar o riso.

O Grupo Teatral Freamundense representou de forma brilhante e divertida a peça “Viúva, Porém Honesta”. Cada um dos atores deu vida às personagens criadas por Nelson Rodrigues e mostrou ao público a arte de “fazer de conta”, em que o riso, as gargalhadas e o espanto fizeram esquecer, por momentos, a realidade. Os espectadores, por sua vez, devolveram aos atores o prémio da surpreendente representação. Os vários momentos da peça mostraram, mais uma vez, que, tal como Gil Vicente dizia: a rir se castigam os costumes.



XXI ANIVERSÁRIO DA FUNDAÇÃO A LORD XVII ANIVERSÁRIO DA BIBLIOTECA DA FUNDAÇÃO A LORD

Lasalete Silva

▶ No dia 2 de dezembro, a Fundação festejou o seu vigésimo primeiro aniversário e o décimo sétimo aniversário da sua Biblioteca.

Para as comemorações, diversos frequentadores dos ateliês da Instituição narraram contos - "A bela Infanta" de Almeida Garrett e "O que é o Natal" de Rosa Prudêncio - e evocaram mitos sobre a freguesia de Lordelo. Declamaram, também, os poemas "Tudo ou nada" de Tati Bernardi, "O melhor presente" de Mírian Warttusch, "Posso ter defeitos" de Augusto Cury e "Mãe" e "História antiga" de Miguel Torga.

À atuação destes utentes seguiu-se um momento musical. Depois, o grupo de teatro LORDator Juvenil dramatizou os textos: "Os Três Desejos" e "As Galinhas Faladoras" de Luísa Ducla Soares e, ainda, "O Homem sem Sorte", conto tradicional africano.

Para finalizar o evento, subiu ao palco Francisco Moreira da Silva, Presidente da Fundação, que dirigiu algumas palavras de apreço e de agradecimento a todos os presentes. Houve, também, oportunidade de se cantar os parabéns e distribuir aos participantes o bolo de aniversário e pequenas lembranças.



EXPOSIÇÃO DE PRESÉPIOS

(4 a 29 dezembro)

Lasaete Silva

▶ Durante o mês de dezembro, a Fundação colocou, no seu Auditório, uma exposição com trezentos e dezasseis presépios selecionados, pertencentes à vasta coleção de Rosa Lima Camões, que se disponibilizou a ajudar a concretizar esta iniciativa.

Esta mostra de presépios deu a conhecer a vivência do Natal nas diversas culturas, a cerca de 765 visitantes, despertando os olhares dos mais curiosos. Permitiu, também, reavivar memórias de infância e fortalecer sentimentos de união, paz e amor,

mais presentes na época natalícia.

No dia da inauguração, 16 de dezembro, a presença da colecionadora, Rosa Lima Camões, veio reforçar a interação da Instituição com a comunidade.



PINÓQUIO, BAILADO EM 3 ATOS

(16 de dezembro)

Ana Cristina Silva

▶ Como já é habitual, a Fundação A LORD fechou a sua programação de 2017 com a apresentação de um bailado clássico, convidando o Centro de Dança do Porto (CDP) – uma escola de renome nacional no ensino de ballet clássico e outros estilos de dança que abriu as portas à cidade do Porto sob mestria da professora Teresa Vieira, no ano de 1993.

O CDP apresentou, no Auditório da Fundação, “Pinóquio, bailado em 3 atos”, adaptação do famo-

so romance “As aventuras de Pinóquio” de Carlo Collodi. Sendo um clássico da literatura e conhecido por todas as gerações, o bailado cativou o público das diferentes idades que esteve presente. A interpretação das personagens Pinóquio e Grilo Falante foram as que mais agradaram à assistência. Os figurinos e cenografia adicionaram a magia que é esperada de um bailado clássico.

Evocou-se, de forma artística, uma obra literária cuja mensagem continua a ter atualidade.



Soluções da págs. 8 e 9

1. Camilo Castelo-Branco
2. Mia Couto
3. José Saramago
4. Miguel Torga
5. Gil Vicente
6. Shakespeare
7. Fernando Pessoa
8. Sophia de Mello Breyner Andresen e Miguel Sousa Tavares
9. Bocage
10. Cesário Verde
11. Eça de Queirós
12. Agustina Bessa-Luís
13. Garrett
14. Lewis Carrol
15. Miguel de Cervantes
16. Dante Alighieri
17. António Lobo Antunes
18. Camões

Biblioteca

A missão de ser biblioteca

As bibliotecas asseguram a igualdade de acesso dos cidadãos à informação, dinamizando programas de promoção de hábitos de leitura e de competências de literacia, promovendo atividades culturais junto das populações em espaço urbano e rural, convertendo-se, assim, em espaços de informação e sociabilização.

Em Lordelo, é bom poder contar com uma biblioteca perto de casa: a Biblioteca da Fundação A LORD. A nossa biblioteca. A biblioteca de todos.

Sendo uma biblioteca para todos, tem como objetivo dar resposta às necessidades da comunidade nas áreas da educação, informação e desenvolvimento pessoal: recreação e lazer.

Todos os grupos etários encontram na nossa biblioteca os documentos adequados às suas necessidades, em variados tipos de suporte e tecnologias modernas.

Os serviços são fisicamente acessíveis a todos os membros da comunidade, estando adaptados às diferentes necessidades da população.

Consciente da sua missão cultural, informativa, educativa, recreativa e social, a Biblioteca da Fundação A LORD assegura a atualização mensal das suas coleções e o respetivo tratamento documental, disponibiliza o catálogo on-line e um blogue, estabelece cooperação com escolas e creches para a realização de atividades como a Hora do Conto, o Teatro de Fantoques, encontros com escritores, sessões de teatro e oficinas criativas, dinamiza uma Feira do Livro anual, organiza eventos evocativos de efemérides como o Dia Mundial do Livro e o Dia Internacional do Livro Infantil, promove visitas culturais.

Idosos, crianças, jovens e adultos podem folhear livros e jornais, aceder à Internet, divertir-se a ver filmes ou a ouvir contar histórias, encontrar-se e conversar com os amigos, participar em programas culturais.

Todos e cada um são bem-vindos à Biblioteca da Fundação A LORD, todos e cada um aí encontram o seu lugar.

Maria da Graça Mourão

HISTÓRIAS DE ENCANTAR TEATRO DE FANTOCHES

► A Biblioteca tem um carinho especial pelo trabalho desenvolvido junto dos seus utilizadores mais pequenos. O interesse pelas **Histórias de Encantar** e pelo **Teatro de Fantoches** manifesta-se pelas numerosas inscrições que, a partir do mês de setembro, registamos com prazer.

Ao longo deste ano, cerca de 2 150 meninos de infantários e escolas básicas dos concelhos de Paredes, Paços de Ferreira, Valongo e Penafiel sentiram a magia das **Histórias de Encantar** e a sedução das personagens das histórias apresentadas no **Teatro de Fantoches**.

As crianças, sentadas nas mantas e almofadas do canto das histórias, seguem, atentamente, o fio da narrativa, rindo, intervindo, questionando.

Depois, há ainda tempo para uma atividade plástica e colorida e para a fotografia de grupo, registada no nosso álbum de visitas.



► Divulgar os escritores e a sua obra bem como as novidades mensais disponibilizadas pela Biblioteca a leitores de todas as faixas etárias, no sentido da promoção da leitura e do alargamento cultural, é outro dos nossos principais objetivos.

ESCRITOR DO MÊS

Os autores que seleccionámos este ano:

Janeiro

Camilo Castelo Branco

Julho

David Machado

Fevereiro

Ana Margarida Carvalho

Agosto

Dulce Maria Cardoso

Março

Bob Dylan - Prémio Nobel da Literatura 2016

Setembro

Afonso Reis Cabral

Abril

José Cardoso Pires

Outubro

Manuel Alegre

Maio

Isabel Stilwell

Novembro

Filipa Fonseca Silva

Junho

Afonso Cruz

Dezembro

Miguel Sousa Tavares



O LEITURAS SUGERE...

Neste espaço, dedicado aos mais novos, foram estas as nossas propostas de leitura:

Janeiro

Ser rapariga
Hayley Long

Julho

O tubarão na banheira
David Machado

Fevereiro

Ser rapaz
James Dawson

Agosto

O universo nos teus olhos
Jennifer Niven

Março

Poesia para todo o ano
Luísa Ducla Soares

Setembro

Ser quem sou
Margarida Fonseca Santos

Abril

O estranhão
Álvaro Magalhães

Outubro

Onde estás, caracol?
Susanna Isern

Maio

Somos amigos?
Anabel Fernández Rey

Novembro

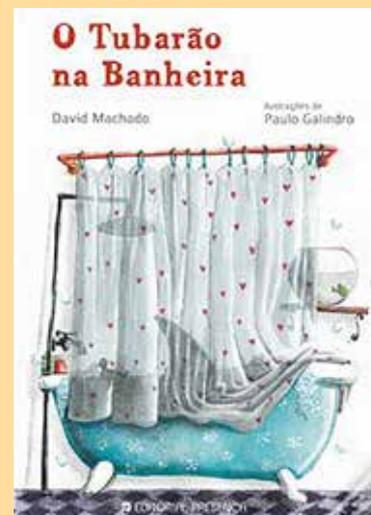
A incrível fuga do meu avô
David Walliams

Junho

Harry Potter e os talismãs da morte
J. K. Rowling

Dezembro

A rapariga do casaco azul
Monica Hesse



UM POEMA

► No sentido da divulgação da poesia, publicamos, mensalmente, um poema, no nosso blogue. Aqui deixamos alguns dos selecionados este ano, para fruição dos leitores.



QUANDO

Quando o meu corpo apodrecer e eu for morta
Continuará o jardim, o céu e o mar,
E como hoje igualmente não-de bailar
As quatro estações à minha porta.

Outros em Abril passarão no pomar
Em que eu tantas vezes passei,
Haverá longos poentes sobre o mar,
Outros amarão as coisas que eu amei.

Será o mesmo brilho, a mesma festa,
Será o mesmo jardim à minha porta,
E os cabelos doirados da floresta,
Como se eu não estivesse morta.

Sophia de Mello Breyner Andresen, in 'Dia do Mar'



E POR VEZES

E por vezes as noites duram meses
E por vezes os meses oceanos
E por vezes os braços que apertamos
nunca mais são os mesmos E por vezes

encontramos de nós em poucos meses
o que a noite nos fez em muitos anos
E por vezes fingimos que lembramos
E por vezes lembramos que por vezes

ao tomarmos o gosto aos oceanos
só o sarro das noites não dos meses
lá no fundo dos copos encontramos

E por vezes sorrimos ou choramos
E por vezes por vezes ah por vezes
num segundo se evolvem tantos anos

David Mourão-Ferreira, in 'Matura Idade'

SE EU PUDESSE TRINCAR A TERRA TODA

Se eu pudesse trincar a terra toda
E sentir-lhe um paladar,
Seria mais feliz um momento..
Mas eu nem sempre quero ser feliz.
É preciso ser de vez em quando infeliz
Para se poder ser natural..
Nem tudo é dias de sol,
E a chuva, quando falta muito, pede-se.
Por isso tomo a infelicidade com a felicidade
Naturalmente, como quem não estranha
Que haja montanhas e planícies
E que haja rochedos e erva..
O que é preciso é ser-se natural e calmo
Na felicidade ou na infelicidade,
Sentir como quem olha,
Pensar como quem anda,
E quando se vai morrer, lembrar-se de que o dia morre,
E que o poente é belo e é bela a noite que fica..
Assim é e assim seja..



Alberto Caeiro, in "O Guardador de Rebanhos - Poema XXI"
Heterónimo de Fernando Pessoa

Chegam cedo demais, quando ainda não podem escolher
nem decidir. Vêm carregados de espectros, de memórias
e de feridas que não souberam sarar; mas trazem a confiança
da cura nas palavras. Convencem-se de que amam outra vez
quando nos tocam os pequenos lugares, esquecendo-se do rumo
incerto dos seus passos nas estradas tortuosas que os
trouxeram. Abafam-se num cobertor de mentiras sem saber e
falam de injustiça quando tentamos chamá-los à verdade.

Dormem de vez em quando nas nossas camas e protegemo-los
da dor como aos filhos que não iremos ter nunca
porque não nos resignamos a perdê-los. E, um dia, partem, vão
culpados, não chegam a explicar o que os arrasta. Escrevem
cartas mais tarde - uma ou duas para se aliviarem dessa espada.
E nós ficamos, eternamente, sem vergonha, à espera que regressem.

Maria do Rosário Pedreira, in Poesia Reunida, ed. Quetzal



DIA MUNDIAL DO LIVRO

► No dia 22 de abril, pelas 15h30m, a Biblioteca da Fundação A LORD recebeu os seus convidados para mais uma comemoração do Dia Mundial do Livro.

A abrir a sessão, apresentou-se o Grupo LORDator Juvenil que levou à cena os textos João Pateta de Hans Christian Andersen e Pedro das Malasartes, a partir da versão de Luísa Ducla Soares.

Depois deste momento de teatro bem divertido, usou da palavra o Presidente da Fundação A LORD, Dr. Francisco Leal, para anunciar e entregar os Prémios de Mérito Escolar atribuídos aos alunos do Agrupamento de Escolas de Lordelo que, no ano letivo 2015/2016, integraram o Quadro de Mérito e Excelência, ato em que foi acompanhado pela Diretora deste Agrupamento, Dra. Beatriz Castro.



Finalmente, o Dr. Francisco Leal anunciou o Prémio Distinção A LORD, que visa distinguir os lordelenses que se destaquem pelo mérito do seu trabalho. Este ano, recebeu este prémio a Dra. Cecília Leal pelo trabalho desenvolvido na área de investigação científica.



ALUNOS PREMIADOS

ALUNOS	ANO
BEATRIZ DA COSTA CARVALHO	1.º Ano
BRUNA RIOS NETO	1.º Ano
DINIS CARVALHO MOREIRA	1.º Ano
FRANCISCA FERREIRA DE SOUSA	1.º Ano
INÊS SOFIA ALVES MOREIRA	1.º Ano
JOÃO PEDRO RIBEIRO DA SILVA HENRIQUES	1.º Ano
LARA FILIPA MEIRELES NUNES	1.º Ano
LEONOR REBANDA LEAL	1.º Ano
MARA DA SILVA BARBOSA	1.º Ano
MARIA CARVALHO MOREIRA	1.º Ano
MARIA INÊS ROCHA TEIXEIRA DA MOTTA	1.º Ano
MARIA LEAL RIBEIRO	1.º Ano
MATILDE COELHO NOGUEIRA	1.º Ano
NUNO DINIS NETO GONÇALVES	1.º Ano
PEDRO AMORIM FREITAS REGO	1.º Ano
RODRIGO FILIPE MOREIRA SILVA	1.º Ano
DUARTE COSTA CARNEIRO	2.º Ano
JOÃO FÉLIX SOARES ALVES	2.º Ano
MARIANA FERREIRA COELHO	2.º Ano
BEATRIZ MACHADO NUNES	3.º Ano
CATARINA ALVES BARROS	3.º Ano
CRISTIANO FILIPE BARBOSA LOPES	3.º Ano
DUARTE NEVES SILVA	3.º Ano
FRANCISCA CAMPANHÃ CARNEIRO	3.º Ano
FRANCISCA LEAL DE LAMAS SERRA	3.º Ano
MARTA FRANCISCA DA SILVA	3.º Ano
RICARDO JORGE FERREIRA RIBEIRO	3.º Ano
BEATRIZ ALVES GOMES	4.º Ano
BEATRIZ SILVA FERNANDES DA COSTA	4.º Ano
DIANA AUGUSTA CARNEIRO DIAS	4.º Ano
FRANCISCA CARNEIRO DA SILVA	4.º Ano
FRANCISCA LEAL GOMES MAGALHÃES	4.º Ano
JOÃO PEDRO DA SILVA BARROS	4.º Ano
LEANDRO FILIPE DA SILVA CARNEIRO	4.º Ano
LEONOR COUTO MARTINS	4.º Ano
MARIA INÊS RIBEIRO DA SILVA HENRIQUES	4.º Ano
MARTIM CRISTIANO BARROS MOREIRA	4.º Ano
MIGUEL ÂNGELO GONÇALVES DE BARROS	4.º Ano
MIGUEL GONÇALVES BARBOSA	4.º Ano
NUNO FILIPE DA SILVA GOMES	4.º Ano
NUNO RICARDO PACHECO SOUSA	4.º Ano
PEDRO MIGUEL GONÇALVES BESSA	4.º Ano

ALUNOS	ANO
RAFAEL LEAL DA SILVA	4.º Ano
TIAGO FILIPE VELOSO FERNANDES	4.º Ano
TOMÁS ALVES CARNEIRO LEAL	4.º Ano
ANA SANTOS SERRA	5.º Ano
FÁTIMA BEATRIZ DUARTE BRANDÃO	5.º Ano
GUSTAVO SOUSA FERREIRA	5.º Ano
JÉSSICA FILIPA SILVA SEABRA	5.º Ano
JOANA FERREIRA GONÇALVES NUNES	5.º Ano
JÓÃO CARLOS CARNEIRO DE SOUSA	5.º Ano
MARCO ANTÓNIO DA SILVA RIBEIRO	5.º Ano
MARIA DE FÁTIMA SANTOS DA ROCHA	5.º Ano
MARIANA DA SILVA MARTINS	5.º Ano
PEDRO MANUEL SANTOS GONÇALVES	5.º Ano
RITA BARROS MOREIRA	5.º Ano
STEVEN GABRIEL ALVES SOUSA	5.º Ano
ANA SOFIA DA COSTA CARVALHO	6.º Ano
EDUARDO SOUSA E SILVA	6.º Ano
FRANCISCO MANUEL RIBEIRO DA SILVA	6.º Ano
INÊS CUNHA DA SILVA	6.º Ano
JOÃO PEDRO PACHECO DIAS	6.º Ano
LEONOR MANSO MARUJO	6.º Ano
TELMA ALÉXIA DA FONSECA NEVES	6.º Ano
VÍTOR NUNO NOGUEIRA BARBOSA	6.º Ano
BRUNA DANIELA ALECRIM DIAS	7.º Ano
INÊS DUARTE OLIVEIRA CARNEIRO	7.º Ano
MAFALDA DA SILVA CARVALHO	7.º Ano
MARIA ESPERANÇA DA SILVA LOPES	7.º Ano
RUI MIGUEL SOARES AMARAL CARNEIRO	7.º Ano
ABEL FILIPE BARBOSA FERREIRA	8.º Ano
ANA FILIPA CARVALHO MOREIRA	8.º Ano
BÁRBARA PINHO	8.º Ano
DIOGO RAFAEL PACHECO FERREIRA	8.º Ano
HELENA ISABEL COELHO MARTINS	8.º Ano
JOANA DA COSTA FONSECA	8.º Ano
RAQUEL ALVES PACHECO	8.º Ano
ALEXANDRA TEIXEIRA SERRA	9.º Ano
BEATRIZ NOGUEIRA BARBOSA	9.º Ano
BEATRIZ SILVA RODRIGUES	9.º Ano
RENATA SOFIA COELHO LOBÃO	9.º Ano
ANA ISABEL CARNEIRO NETO	10.º Ano
JOSÉ LUÍS DA SILVA RODRIGUES	10.º Ano
ÂNGELA SOFIA MOREIRA MARQUES	12.º Ano

Todos receberam um diploma e um cheque-prenda.
A sessão terminou na expectativa de novo encontro no próximo ano.

DIA INTERNACIONAL DO LIVRO INFANTIL

► No dia 4 de abril, a nossa hora do conto foi dedicada aos meninos do 1.º ano da EB de Freamunde, Paços de Ferreira.

Numa sessão diferente, porque uma história não se conta apenas por palavras, mas também pela força sugestiva das imagens, tivemos como convidada a ilustradora Carla Anjos que explicou as várias etapas do seu trabalho, as

técnicas utilizadas na criação das ilustrações e a sua importância na narração de uma história.

A Biblioteca ofereceu aos participantes “A sopa da pedra”, o trabalho mais recente da ilustradora, com texto de Miguel Borges.



ENCONTRO COM A ESCRITORA JOANA NOGUEIRA

► Em época natalícia, os meninos do ensino pré-escolar da Escola Básica n.º 2 de Lordelo vieram à Biblioteca receber um presente aliciante: ouvir um conto e conhecer a sua autora.

Assim, aconteceu o encontro com a escritora Joana Nogueira que apresentou e dinamizou o conto “Oskar e o Crocodilo Violinista”, o primeiro conto da coleção “Oskar, o Ouriço Musical”, um projeto artístico direcionado para

os mais pequenos, que pretende promover hábitos de leitura e fomentar o gosto pela música, de forma lúdica.

As educadoras ajudaram na leitura da história e, depois, todos ficaram a conhecer melhor o violino e a sua família.

Ao regressarem à escola, o Oskar acompanhou os seus novos amiguinhos, nos exemplares oferecidos pela nossa Biblioteca.



FEIRA DO LIVRO

► A Biblioteca organizou a Feira do Livro anual, que teve lugar no Museu A LORD.

Além da abertura diária do espaço para a venda de livros, do programa constaram atividades variadas, sobretudo destinadas aos mais pequenos.

Diariamente, recebemos as escolas inscritas para a ha-

bitual Hora do Conto, dinamizada pela nossa equipa de animação.

A contadora de histórias Sónia Aguiar voltou ao convívio com os nossos pequenos ouvintes, os meninos da EBI n.º 1 de Lordelo, deliciando-os com histórias apresentadas de forma criativa e apelativa.



Contar/ouvir histórias faz sempre o deleite das crianças. Por isso, também foi nossa convidada a Maria da Paz Braga, da Associação Obrigado Portugal, que apresentou o livro "Aldeia da Esperança", baseado na experiência dos autores no Nepal, numa missão de ajuda a populações

locais, por ocasião de um terramoto que destruiu aldeias e desalojou os seus habitantes. Uma história verdadeira e cheia de força que prendeu a atenção de todos os ouvintes, os alunos de 2 turmas do 1.º ciclo da Escola Básica de Susão - Valongo.



Num encontro com os meninos de 3 turmas do 1.º ciclo da EBI n.º 2 de Lordelo, Paulo Santos, apicultor e autor do livro “Cuscas no Castelo de Guimarães”, apresentou a história da abelhinha Cuscas que, num lindo dia, enquanto andava a apanhar pólen nas flores, descobriu um grupo de crianças a entrar no Castelo de Guimarães.

Muito curiosa e atrevida, resolveu entrar pela janela do castelo e ver tudo o que as crianças estavam a fazer lá dentro.

Este livro aborda a importância das abelhas na nossa vida. Ao mesmo tempo, as crianças descobrem a história do Castelo de Guimarães, através de uma abordagem lúdica e pedagógica.



João Manuel Ribeiro, escritor de reconhecido mérito na literatura infantojuvenil, visitou-nos, de novo, para apresentar alguns dos seus livros aos alunos do 5.º e 6.º ano do Agrupamento de Escolas de Lordelo. Com eles, estabeleceu um diálogo muito próximo e dinâmico.



A importância da educação musical ressalta da história “Oskar e a família das cordas”, narrada por uma das autoras, Sandrina Costa, aos meninos do pré-escolar da EBI n.º 1 de Lordelo. Esta história promove o hábito da leitura e o contacto com a música de uma forma lúdica e entusiasta.

As escolas inscritas nas sessões foram presenteadas com livros para as suas bibliotecas.



O público adulto teve oportunidade de assistir à apresentação dos livros “Hoje, às sete da manhã” de Donzília Martins, e “Nos braços do vagabundo” de Leticia Brito.



Cumriu-se, com muito entusiasmo e muito gosto, a tradicional realização da Feira do Livro.



VISITA CULTURAL PERCURSO PELO BAIXO MINHO

Itinerário pelo património histórico de Guimarães e de Braga

► No sábado, 16 de setembro, a Biblioteca da Fundação A LORD organizou mais uma visita cultural cujo objetivo foi conhecer o património histórico de Guimarães e de Braga.

Situado no *Monte Latito*, o *Castelo de Guimarães* está associado ao berço da nacionalidade pois, segundo a tradição, aí terá nascido Afonso Henriques.

Logo abaixo, situa-se a *Capela de S. Miguel* onde terá sido batizado o primeiro rei de Portugal.

Descendo a colina do castelo, surge, imponente, o *Paço dos Duques de Bragança* e, logo abaixo, a *estátua do 1.º rei de Portugal*.

Percorrendo a *Rua de Santa Maria*, que liga a colina do castelo ao centro histórico, deparamo-nos com os atuais *Paços do Concelho*, instalados num antigo convento de Clarissas.

No coração do centro histórico, a *Praça de Santiago* destaca-se pelo seu traçado

medieval.

Através das arcadas dos antigos Paços do Concelho medievais, acede-se à Praça da Oliveira. Um alpendre gótico com calvário e a Igreja de N.ª Senhora da Oliveira são monumentos a relevar.

Antes da saída para Braga, uma última e bela imagem de Guimarães.

Na cidade de Braga, a nossa visita teve início no *Santuário do Bom Jesus do Monte*, situado no *Monte Espinho*. Do santuário fazem parte o escadório barroco e as capelas e passos da Via Sacra, bem como a Basílica neoclássica. A subida fez-se no funicular, inaugurado em 1882 e movido por um sistema de contrapeso de água.

No coração da cidade, passagem pela *Avenida Central* onde se destacam a *Igreja dos Congregados* e o *Edifício Arcada* e entrada na *Rua do Souto*, movimentada artéria comercial que conduz ao núcleo medieval da urbe bracarense.

Uma paragem obrigatória: o bellissimo Jardim de Santa Bárbara, um jardim público municipal, junto à ala medieval do antigo Paço Episcopal Bracarense.

O nosso percurso terminou na *Sé Catedral*, cuja construção foi iniciada no final do século XI.

A despedida e saída fez-se pelo Arco da Porta Nova, que é provavelmente uma das edificações mais icónicas da cidade, não só pelo que representa em termos arquitetónicos e urbanísticos, mas também porque será a este arco que Braga deve a expressão que costumamos ouvir quando alguém deixa uma porta aberta: “És de Braga?”

A terminar, impõe-se uma nota de apreço pela amável disponibilidade do nosso guia, Daniel Afonso, bem como pela pertinente informação transmitida num discurso claro, preciso e objetivo.



XVII ATELIÊ DE OLARIA

► Em fevereiro, como habitualmente, realizou-se o Ateliê de Olaria, dinamizado pela mestre oleira Maria Fernanda Braga.

As manhãs dos dias 2, 9, 16 e 23 foram dedicadas às crianças dos Jardins de Infância do Agrupamento de Escolas de Lordelo que, este ano, modelaram caracóis.

Nas sessões da tarde, participou um grupo de 25 senhoras, que executaram uma peça mais elaborada, um intemporal jogo do galo. Primeiro criaram todas as peças individualmente e, na última sessão, depois de todas as peças cozidas, fizeram a decoração final.

Este ano, a Biblioteca proporcionou, também, uma tarde diferente aos utentes do Centro Sócio Educativo de Parteira, ao levar a mestre oleira Maria Fernanda Braga, no dia 16, ao próprio Centro, onde conheceram o seu trabalho e dando asas à imaginação, modelaram livremente o barro.



XVII ANIVERSÁRIO DA BIBLIOTECA XXI ANIVERSÁRIO DA FUNDAÇÃO A LORD

► A Fundação A LORD e a sua Biblioteca celebraram mais um aniversário e o Auditório da Fundação voltou a receber todos os que quiseram associar-se a esta comemoração, realizada no dia 2 de dezembro.

Abriu a sessão o grupo de utentes seniores da Cooperação



que apresentou um conjunto de poemas e de contos.

Seguiu-se a atuação do grupo de teatro LORDator Juvenil que, este ano, interpretou os textos “Os Três Desejos” e “As Galinhas Faladoras”, de Luísa Ducla Soares e, ainda, “O Homem sem Sorte”, de autor desconhecido.



A encerrar a sessão e pelo Conselho de Administração da Fundação A LORD, o seu Presidente, Francisco Moreira da Silva, tomou a palavra para saudar todos os presentes e relevar a ação interventiva desta instituição no desenvolvimento cultural de Lordelo, reafirmando o seu propósito de continuar a agir em prol da valorização social e cultural do concelho.

A terminar, o público presente foi convidado a cantar os parabéns às aniversariantes e a provar o bolo de aniversário, em agradável momento de convívio.



ESPETÁCULOS DE TEATRO – DO LIVRO PARA O PALCO

Gil Vicente: do livro para o palco

Auto da Barca do Inferno

► Numa iniciativa que visa a promoção do teatro, como arte do espetáculo, junto do público escolar de Lordelo, e o apoio ao programa curricular da disciplina de Língua Portuguesa/Português, a Biblioteca da Fundação A LORD promoveu a dramatização do *Auto da Barca do Inferno*, de Gil Vicente, um dos textos que os alunos do 9.º ano estudam.

O Auditório da Fundação foi o local onde decorreu o espetáculo a cargo do TEATRO ARAMÁ.

A disputa figurada é entre o Bem e o Mal. O Diabo da barca dos danados e o Anjo da barca que conduz ao Paraíso ouvem as justificações do Judeu, da Brizida Vaz, do Onzeneiro, do Parvo, entre outras personagens, das ações praticadas em vida, decidindo sobre o seu destino, conforme o respetivo merecimento. A vaidade, a usura, a hipocrisia, a luxúria e outros são os “pecados” que as personagens vão desfilando.

O grupo do TEATRO ARAMÁ, dirigido por Tó Maia, apresentou um trabalho rigoroso e divertido, aliando a seriedade do tema aos diferentes tipos de cómico.



O PRÍNCIPE NABO DE ILSE LOSA

► Era uma vez uma princesa chamada Beatriz que tinha de se casar, mas nenhum príncipe, pretendente à sua mão, lhe agradava. Para ela, todos tinham defeitos. Um dia, a princesa rejeitou os três últimos pretendentes e o rei, desesperado, jurou oferecer a mão da princesa ao primeiro homem que aparecesse à porta do palácio, fosse ele quem fosse, lavrador, mendigo ou ...

... e os alunos do 5.º e 6.º ano de escolaridade do *Agrupamento de Escolas de Lordelo* descobriram quem tinha aparecido à porta do palácio e conseguido a mão da princesa Beatriz.

“O Príncipe Nabo” de Ilse Losa, numa adaptação da Companhia AtrapalhArte Produções Teatrais, de Coimbra, foi o espetáculo que se realizou no dia 7 de fevereiro, no *Auditório da Fundação A LORD*, numa iniciativa da sua *Biblioteca*.

Esta produção, muito dinâmica, fez uma abordagem humorística de um texto inserido no Plano Nacional de Leitura e nas metas curriculares do 5.º ano, e teve um grande sucesso, com alunos e professores a integrarem o elenco. Foi uma hora repleta de aprendizagem a brincar.

A Biblioteca da Fundação A LORD proporcionou, assim, aos alunos, um complemento ao estudo do texto lido nas aulas e o contacto com a arte teatral.



O NOSSO BLOGUE

O Blogue da Biblioteca da *FUNDAÇÃO A LORD* (<http://bibliotecadafundacaoalord.blogspot.pt/>) abre para a divulgação cultural, desde as notícias sobre as atividades dinamizadas pela Biblioteca até à informação sobre efemérides e acontecimentos relevantes de caráter nacional e internacional, proporcionando, ainda, o acesso a serviços como a consulta de um dicionário ou de um jornal, uma lista de sítios com interesse e sugestões de leitura, as aquisições mais recentes.

O NOSSO CATÁLOGO on-line

Esta interface permite consultar o catálogo e obter informações acerca dos exemplares e a localização dos documentos e conhecer as novidades e sugestões da biblioteca. No caso de um utilizador registado, faculta o acesso aos serviços de reserva e renovação de documentos. Mais informações, no regulamento da biblioteca.

<http://falord.ddns.net/Opac/Pages/Help/Start.aspx>



Cooperação



Conjugação de forças, meios e projetos que ajudam a resolver os problemas mais urgentes da comunidade onde se insere a Instituição.

ATELIÊS

Eugénia Gonçalves

► Para proporcionar novos conhecimentos a nível de ioga, teatro, artes manuais e cinema realizaram-se vários ateliês ao longo do ano.

Ioga

► Sabemos que a terceira idade é uma fase da vida que exige alguns cuidados, principalmente quando falamos de saúde e bem-estar. Por isso, a Fundação A LORD inseriu no seu programa uma nova atividade: o ioga.

O ioga pode ser uma excelente opção para quem procura uma atividade física prazerosa e leve que promove tanto a qualidade de vida quanto a saúde física e mental.

A prática de exercícios garante uma vida mais tranquila, longe dos problemas de saúde e emocionais dos idosos.



Artes Manuais

► Os ateliês de Artes Manuais tiveram como objetivo trabalhar com a comunidade, empregando novos materiais e novas técnicas.

Trabalhos realizados: copos de vidro decorados, almofadas de pompons, animais feitos com meias, letras decoradas, guarda-joias em pérolas e renda.

A troca de experiências e saberes contribuiu para o dinamismo dos ateliês.

Constatou-se que a adesão a estas atividades tem vindo a crescer.



Teatro

► O teatro é fundamental na formação cultural de qualquer pessoa já que nos faz conhecer a nossa própria cultura, ajuda no desenvolvimento do conhecimento e traz informação de uma forma mais agradável e divertida por meio do entretenimento.

No ano de 2017, deu-se início a uma nova atividade teatral para seniores, no sentido de transmitir ao público alguns destes princípios, através da representação de mensagens simples.

Daí a importância de dar continuidade a esta atividade que valoriza as coisas simples da vida.



Sessões de Cinema

► Com o objetivo de proporcionar momentos de lazer à comunidade lordelense, a Cooperação, para além de outras atividades, também colocou ao seu dispor sessões de cinema, exibindo os seguintes filmes: "O Pátio das Cantigas", "O Leão da Estrela" e "A Canção de Lisboa".



ATIVIDADES NAS FÉRIAS

Eugénia Gonçalves

Páscoa

► A Fundação A LORD organizou as atividades “Férias da Páscoa” para ocupar o tempo livre das crianças.

Num ambiente de convívio agradável, concretizaram-se alguns trabalhos manuais tais como: coelhos de Páscoa, vasos com flores, flores de chupa-chupas, rolhas de cortiça com mensagens e sacos de pano decorados. Todos estes trabalhos despertaram muito interesse, porque se destinaram aos padrinhos e madrinhas.

Realizou-se, também, uma sessão de cinema com os filmes de animação: “Cantar”, comédia musical com animais que recria um concurso de talentos, e “Songebob”, filme de aventuras que relata as diversas peripécias do protagonista.



Uma noite no Museu A LORD

► Esta iniciativa foi novamente realizada para que mais crianças conhecessem o Museu A LORD.

Inicialmente, fez-se uma visita guiada ao Museu, onde as crianças ficaram a conhecer um pouco mais sobre a História da Cooperativa e da Fundação. Após a visita, praticaram-se jogos tradicionais: jogo do lençinho, salada de fruta e cabra-cega. Seguiu-se o jantar com pizza para todos os gostos. Antes da hora de deitar, prepararam-se os sacos cama e assistiu-se a uma sessão de cinema com pipocas.

Pela manhã, preparou-se o pequeno-almoço: leite, chá e pão. Para descontrair, os participantes dançaram, cantaram e fizeram coreografias.

Uma iniciativa cheia de atividades divertidas, a repetir com toda a certeza!



Verão

► Com o objetivo de ocupar as crianças no tempo de férias, entre os meses de junho e julho, a Fundação A LORD, como tem sido habitual, organizou as atividades “Férias de Verão”.

Deste modo, salientam-se os trabalhos manuais, visitas culturais e sessões de cinema. Na atividade trabalhos manuais realizaram-se chávenas em eva, tulipas em *scrapbook*, vasos com flores, postais 3D e cadernos decorados em eva. Nas sessões de cinema foram visualizados os filmes “Zootrópolis”, “Norm” e “Trolls”.

No intuito de dar a conhecer as nossas instituições, fez-se uma visita aos Bombeiros Voluntários de Lordelo, onde observaram as

ambulâncias e materiais usados no socorro ao doente, carros dos bombeiros, todo o material de combate aos incêndios, bem como a central onde se encontram todos os dispositivos de comunicação. No final da visita, o Comandante José Freitas proporcionou uma viagem no carro dos bombeiros às crianças. Numa segunda visita a esta Instituição, estas tiveram a experiência de um banho de espuma, onde todos se divertiram.

É fundamental transmitir a importância de usufruir o tempo de férias, partilhando e interagindo com os outros.



Natal

► Com a proximidade da época festiva, o Natal, e como vem sendo habitual, o departamento da Cooperação da Fundação A LORD dinamizou inúmeras atividades para os mais novos.

Nestas atividades, realizaram-se ateliês relativos à época, dando sempre espaço à imaginação



e criatividade de cada criança. Foram executados os seguintes trabalhos: postal de Natal, meia de Natal, rena de Natal e frascos decorados.

Na sessão de cinema foram visualizados os filmes: “Bela e o Monstro” e “Big Boss Babe”.



CELEBRAÇÃO DO DIA MUNDIAL DOS AVÓS CELEBRAÇÃO DO DIA DE SÃO MARTINHO

Eugénia Gonçalves

► No dia 26 de julho, comemorou-se o Dia Mundial dos Avós no Museu da Fundação A LORD. O programa constou da hora do conto a partir da história “O meu avô rei de coisa pouca” de João Manuel Ribeiro, seguida de um momento musical.

Foi servido um lanche. Cantaram-se os parabéns aos avós.

Mais um dia para recordar!

No dia 8 de novembro, a partir das 14h30, comemorou-se o Dia de São Martinho num convívio muito divertido com conversa, música para alegrar, castanhas acompanhadas por petiscos e água-pé.

A conversar o tempo foi passando neste dia festivo, acabando com agrado geral!



VISITA CULTURAL ÀS MINAS DE OURO DE CASTROMIL

Eugénia Gonçalves

► O Município de Paredes, em parceria com o Departamento de Geociências, Ambiente e Ordenamento do Território da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, tem desenvolvido um projeto de estudo e divulgação científica. Este projeto tem como objetivo a consciencialização para preservação de áreas naturais e de testemunhos geológicos e mineiros.

Neste contexto, no dia 22 de maio, realizou-se uma visita cultural às Minas de Ouro de Castromil com o grupo de senhoras que frequentam os ateliês da Fundação A LORD.

Esta área mineira, em meados do século passado, foi alvo de vários estudos e trabalhos de pesquisa que atestaram a presença de ouro.

Todos os visitantes tiveram de ser equipados com capacete, colete e lanterna para poderem usufruir em segurança.



COLÓNIA DE FÉRIAS

Ana Ferreira

► Destinadas a colmatar uma necessidade que alguns pais sentem em períodos de interrupção letiva para ocupar os seus filhos, a Fundação A LORD disponibiliza, em todos os períodos de férias escolares, várias atividades adequadas a cada época do ano.

O principal objetivo dos nossos programas de férias é fazer com que as crianças tenham uma alternativa divertida para o seu tempo livre. A exemplo dos anos anteriores, a Fundação A LORD realizou, de 3 a 7 de julho, a tão esperada semana de praia para crianças com idades compreendidas entre os 6 e os 12 anos.

Uma semana bastante divertida com atividades lúdicas: jogos de cartas e de futebol, construções na areia, entre outros.

No último dia, todos os participantes saborearam um gelado oferecido pelos Presidente e Vice-presidente da Fundação A LORD.



VISITAS CULTURAIS

Célia Sousa

► Este ano, a Fundação A LORD em parceria com a Cooperativa de Electrificação A LORD realizaram várias visitas, proporcionando à comunidade de Lordelo um enriquecimento cultural.

Salientam-se as seguintes: *Museu de Arte, Arquitectura e Tecnologia (M.A.A.T)*, *Museu da Carris*, *Museu dos Coches*, em Lisboa; *Museu do Pão*, em Seia;

Convento de Cristo, em Tomar; *Fortaleza de Valença do Minho*, em Valença; *Grutas de Castromil*, em Paredes; *Minho Histórico*, Guimarães e Braga.

Tanto quanto nos foi possível observar, todos os que quiseram participar nestas viagens, num total de 898 pessoas, manifestaram agrado o que justifica a continuidade destas iniciativas.



NATAL, TEMPO DE PARTILHA!

Ana Ferreira

► E chega o Natal!... Époça em que se fala de amor, família, união e presentes...
E quem não gosta de receber presentes?

A Fundação não deixa passar esta data importante sem brindar com um miminho as crianças dos jardins de infância e 1.º ciclo, incluindo professores e auxiliares. Este ano, uma caixinha de lápis de cor ajudou a colorir de esperança a época natalícia, um convite a...

Fazer de cada dia uma festa
Pintar a vida
Colorir o mundo
Sonhar...



SERVIÇOS DE MEDIATECA

Eugénia Gonçalves

▶ Estes serviços são muito utilizados para pesquisas, realização de trabalhos escolares e ocupação do tempo livre, pondo ao dispor do público meios informáticos, revistas, jornais e publicações para consulta. Proporciona, assim, a quem os frequenta um ambiente bastante agradável e acolhedor.

GABINETE DE APOIO AO DOENTE

ARTIGOS ORTOPÉDICOS

Célia Sousa

▶ À semelhança de anos anteriores, a Fundação A LORD tem desenvolvido iniciativas que vão ao encontro das necessidades dos mais fragilizados. Neste sentido, através do gabinete de apoio ao doente, cedeu uma cama articulada, três cadeiras de rodas e um colchão, cumprindo, deste modo, uma das suas funções sociais.

CEDÊNCIA GRATUITA DO AUTOCARRO

Célia Sousa

▶ Como vem sendo habitual e tendo em vista proporcionar às diversas instituições de Lordelo a realização de algumas atividades fora da cidade, a Fundação A LORD e a Cooperativa de Electrificação A LORD colaboraram nestas iniciativas, cedendo, gratuitamente, o autocarro.

LORDELO SOLIDÁRIO

Célia Sousa

▶ Como vai sendo hábito, o *Projeto Lordelo Solidário*, mais uma vez, ajudou as famílias de Lordelo com mais carências alimentares (durante o ano 725 famílias num total de 1 882 beneficiários), tentando assim colmatar um dos problemas mais prementes em algumas delas.

A Cooperativa e a Fundação A LORD são parceiros deste projeto juntamente com a Câmara Municipal de Paredes, a Junta de Freguesia de Lordelo, o Agrupamento de Escolas de Lordelo, a Associação para o Desenvolvimento Integral de Lordelo, o Centro Sócio-Educativo e Profissional de Parteira, a Conferência S. Vicente de Paulo e a Paróquia de São Salvador de Lordelo.

Neste ano, contribuíram, pontualmente, para esta iniciativa o Agrupamento de Escuteiros 1155 de Lordelo e o Clube Amigos da Petanca de Lordelo.

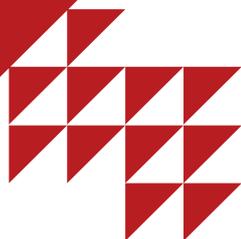
Para assinalar o Natal foram entregues lembranças, tendo a Cooperativa e a Fundação oferecido o tradicional bacalhau para a ceia.

Escola de Artes

A collage of artistic elements including musical notes, a pencil, a violin, and white masks on a wooden background. The image is divided into several geometric sections by diagonal lines. The top-left section is red and contains the title 'Escola de Artes' in white. The bottom-right section is white and contains a paragraph of text in red. The central and background areas feature a wooden surface with various art supplies: a red pencil, a violin, and two white masks with black eye cutouts.

Departamento onde se partilham experiências que contribuem para o enriquecimento da personalidade e no qual se desenvolvem conhecimentos artísticos, através da prática, nas áreas do teatro, da música e da dança.

CLUBE DE TEATRO



LORDATOR JUVENIL

Eugénia Gonçalves

► No dia 22 de abril, o grupo de teatro LORDator Juvenil apresentou as peças “João Pateta” de Hans Christian Andersen e “Pedro das Malasartes” de Luísa Ducla Soares, inseridas na Comemoração do *Dia Mundial do Livro*.

A primeira peça fala-nos de um pai com três filhos, dois deles considerados inteligentes e cultos, e o João, como sendo um pateta.

Um dia, um comunicado real informa que a princesa iria escolher um pretendente. Logo o pai dá dois lindos cavalos aos seus dois filhos mais dotados e nada dá ao João. Este, com o burro e com muitas peripécias pelo caminho, chega ao castelo, casa com a princesa e mostra que não é pateta mas o mais inteligente.

A segunda peça fala-nos de um rapaz simplório que vivia, com a sua mãe viúva, num pobre casebre. Apesar de bom rapaz, Pedro era muito desajeitado e por não ter habilidade para fazer nada, nem um simples recado, sem que fizesse trapalhada, metia-se em toda a espécie de problemas.

As suas peripécias proporcionaram ao público momentos de boa disposição.

No final do espetáculo, o grupo de teatro dançou ao som da música “Bela e o Monstro” da Disney, em estilo contemporâneo.

No dia 2 de dezembro, o grupo LORDator Juvenil apresentou, na Comemoração do Aniversário da Fundação e da Biblioteca A LORD, um espetáculo de teatro com as peças “Os três desejos” e “As galinhas faladoras” de Luísa Ducla Soares e “Um homem sem sorte” conto tradicional africano.

A peça “Os três desejos” fala-nos de um casal que sonhava ser rico. Ele sonhava ter um palácio, uma quinta e uma floresta a perder de vista... Ela sonhava ir viver para a cidade, ir a um instituto de beleza e comprar roupas, sapatos, joias...

Um dia, apareceu-lhes um mendigo à porta. O pobre casal deixou-o entrar para se aquecer e deu-lhe comida. Em troca, o mendigo concedeu-lhe três desejos.

No primeiro desejo a mulher pediu um chouriço para assar nas brasas e ele apareceu! O marido ficou muito irritado e disse que o chouriço devia ficar colado ao nariz da mulher e, assim, gastou o segundo desejo. Ora, como não conseguiam cortar o nariz de chouriço e não lhes valia de nada serem ricos com aquela figura, no terceiro desejo, a mulher pediu que o seu nariz voltasse a ficar como antes!

Deste modo, esgotaram os três desejos e concluiu-se que não se deve falar sem pensar!

A peça “As galinhas faladoras” fala-nos de D. Mariquinhas, uma senhora que passava o dia à janela a ver a vida alheia, com a desculpa de estar a preparar o futuro das três filhas. Um dia, convenceu a rainha que conseguia pôr os seus galináceos a falar o que iria ser uma atração na corte. A matriarca aceitou. Em troca boa comida e bebida começou a entrar em casa de D. Mariquinhas. Todos os dias a rainha queria saber do progresso dos seus animais, até que a D. Mariquinhas relata à rainha que os animais lhe contaram os encontros da mesma com o jardineiro. Logo a rainha manda matar todos os galináceos e dá bastante dinheiro à D. Mariquinhas para esta ficar calada.

Assim, esta consegue casar as filhas, mas continua à janela a observar a vida alheia.

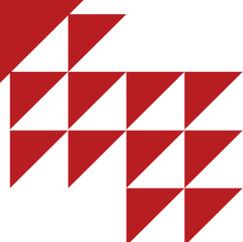
A peça “Um homem sem sorte” fala-nos de um homem que achava que tinha nascido sem sorte e resolveu ir procurar o Criador para lhe dar a sua sorte. Pelo caminho, encontrou um lobo muito fraco, uma árvore toda curvada e uma jovem que se sentia sozinha. Estes pediram-lhe para perguntar ao Criador qual a solução para os seus problemas. O homem encontra-O e Este disse que a sorte dele andava por aí, ele só tinha de estar mais atento e mandou solução para o problema do lobo, da árvore e da jovem.

Entretanto, o homem encontrou a jovem e disse-lhe que tinha de encontrar um rapaz e que o rapaz teria imensa sorte com ela. Quanto à árvore o problema dela era um tesouro que estava debaixo das raízes. E o problema do lobo? Era a fome. O homem não se deu conta que tinha passado pela sua sorte e desperdiçou-a, acabando por ser comido pelo lobo. Uma peça cômica e com uma grande lição de vida - *a sorte anda por aí o que é preciso é estar atento*.

No final do espetáculo realizou-se uma dança contemporânea. O público reagiu de uma forma muito positiva, o que tornou este dia inesquecível.



ESCOLA DE DANÇA



BALLET CLÁSSICO

Ana Cristina Silva

► No ano letivo de 2016/17, na Escola de Dança da Fundação A LORD, além das aulas normais, realizaram-se as seguintes atividades:

- Uma “Aula aberta”, apresentada no mês de fevereiro, tendo como objetivo mostrar à família e amigos a evolução demonstrada pelas alunas.
- Um espetáculo, no Auditório da Fundação A LORD, inserido na Audição Final do Ano Letivo 2016/2017 dos alunos da Escola de Dança. Este espetáculo, ao qual assistiram cerca de 180 pessoas, teve a participação das alunas da escola e, ainda, a participação de alunas convidadas da Academia Artes e Ritmo de Rio Tinto.

Devido ao aumento do número de inscrições, no ano letivo de 2017/18, houve necessidade de criar duas turmas cujo conteúdo programático é adaptado às idades das alunas de cada nível.

Para 2018, estão previstas aulas abertas anuais e, ainda, uma apresentação na Audição Final do Ano Letivo.



HIP HOP E DANÇAS DE SALÃO

Lasaete Silva

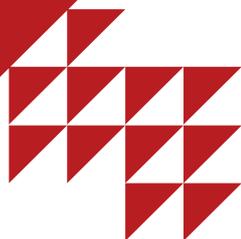
► No sentido de alargar a sua intervenção artística, a Fundação A LORD incluiu, na Escola de Dança, as modalidades Hip Hop e Danças de Salão, a partir de março de 2017.

As aulas de Hip Hop decorreram às quartas-feiras e foram frequentadas por sete crianças dos 7 aos 16 anos. As Danças de Salão foram realizadas às quintas-feiras e destinaram-se a oito casais. Nesta modalidade foram dançados diversos ritmos, nomeadamente a rumba quadrada, o samba, a valsa vienense, o chachachá e o merengue.

Para finalizar o ano letivo de 2016/2017, no dia 27 de junho, todos os alunos participaram na *Audição Final* juntamente com as alunas de Ballet. Assistiram a este espetáculo 178 pessoas que aplaudiram com entusiasmo o trabalho realizado.



ESCOLA DE MÚSICA



UM CONTRIBUTO PARA A EDUCAÇÃO MUSICAL

Rui Leal

► A Escola de Música, integrada na **Escola de Artes da Fundação A LORD**, tem-se deparado com um aumento significativo de procura por parte da comunidade, como resultado das atividades desenvolvidas.

Assim, foi necessário alargar o número de turmas de Formação Musical, turmas estas, constituídas por alunos com idades compreendidas entre os 3 e os 59 anos, repartidos pelas classes de Piano, Guitarra, Saxofone, Cavaquinho, Violino, Flauta, Clarinete, Percussão e Canto.

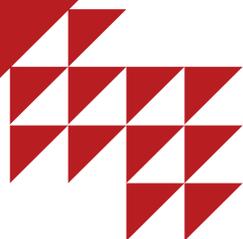
Ao longo do ano, realizaram-se as seguintes audições: de *Carnaval* e de *Final de Ano*. Deste modo, os alunos tiveram oportunidade de mostrar o trabalho realizado.

É ainda de salientar a participação dos alunos e encarregados de educação, Conselho de Administração, funcionários e colaboradores da Instituição no *Concerto de Reis*, executado pela Orquestra e pelo Orfeão da Fundação A LORD, no dia 8 de janeiro.

Este é um projeto a que iremos dar continuidade em benefício da comunidade.



ORFEÃO



ORFEÃO DA FUNDAÇÃO A LORD

Manuel Monteiro

► Tendo em vista o apuramento da técnica vocal dos elementos do Orfeão da Fundação A LORD, a consolidação da sua qualidade nas apresentações efetuadas e a introdução de novas músicas, o ano de 2017 foi mais introspetivo e de muito trabalho.

Em termos de atuações, é de referir:

- Realização do “Concerto de Reis”, no Auditório da Fundação A LORD, no dia 8 de janeiro.
- Realização do “Concerto de Páscoa”, no Salão Paroquial de Lordelo, no dia 22 de abril, com a colaboração de um quarteto de cordas que apresentou um repertório de música sacra.

- Participação na “Missa do 84.º Aniversário da Cooperativa A LORD”, realizada na Igreja Paroquial de Lordelo, no dia 10 de maio.
- Participação na “Missa do 47.º Aniversário da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Lordelo”, realizada na Igreja Paroquial de Lordelo, no dia 13 de maio.
- Realização do “XVIII OrffLORD”, no Auditório da Fundação, no dia 10 de junho, com a colaboração do Coral da Misericórdia de Santo Tirso e Coral Polifónica da AVCR San Mamede Zamáns (Pontevedra).
- Celebração do Dia Mundial da Música, no Auditório A LORD, no dia 7 de outubro, com a realização de um concerto integrado no “Outubro Musical” em conjunto com a Orquestra da Fundação, onde se abordaram diferentes tipos de música coral em língua Portuguesa.
- Apresentação do “Concerto de Natal” a convite da Câmara Municipal de Paredes, no Pavilhão Gimnodesportivo de Paredes, no dia 8 de dezembro.

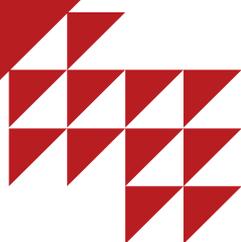
Em 2017, cumpriram-se, assim, os principais objetivos:

- Abordar novos temas musicais cantados a 4 vozes e à capela.
- Dar a conhecer à população de Lordelo o género de música coral.
- Procurar o aprimoramento na qualidade das apresentações musicais.
- Promover o crescimento do número de elementos do Orfeão.
- Divulgar o papel cultural da Fundação A LORD.

Para 2018, o Orfeão da Fundação A LORD pretende prosseguir os objetivos alcançados com a participação de todos os interessados pela música coral.



ORQUESTRA



ORQUESTRA DA FUNDAÇÃO A LORD

Rui Leal

► A Orquestra da Fundação A LORD, ao fim de 5 anos de existência, conquistou grande mérito devido à realização de alguns concertos e concursos em salas de espetáculo, no nosso país e em Espanha.

A 8 de janeiro, realizou o *Concerto de Reis*, juntamente com o

Orfeão da Fundação A LORD, apresentando um repertório alusivo à quadra natalícia em que houve a participação especial dos alunos e encarregados de educação da Escola de Música, bem como dos funcionários e colaboradores d' A LORD, proporcionando um grande espetáculo para um Auditório quase pelas «costuras». De salientar a participação de alguns elementos da Orquestra na celebração da Eucaristia, em maio, aquando do aniversário da Cooperativa A LORD e, ainda, no aniversário da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Lordelo com o Orfeão da Fundação A LORD.

Durante o mês de outubro, organizou o *Outubro Musical*. A Orquestra apresentou ao público, no dia 7, um concerto de caráter didático, tendo como tema as obras do compositor David Maslanka, falecido no mês anterior, prestando-lhe, assim, uma homenagem.

Durante o evento, teve como convidados os jovens solistas em percussão José Afonso Sousa e Tomás Rosa que se apresentaram a solo, no dia 14, num concerto onde foram interpretadas obras eruditas, tradicionais, eletrónica e gestual, abrangendo todos os géneros musicais.

O trabalho da Orquestra visa o enriquecimento cultural da comunidade através da música.



Formação

The background image shows a person's hand pointing at a laptop screen. The laptop screen displays a website with various elements like a play button icon and text. A notebook and a pen are visible on the desk next to the laptop. The image is split diagonally, with the top-left portion being a solid orange color where the title 'Formação' is placed.

A formação profissional é um processo que permite aumentar as competências de cada indivíduo, conduzindo a um melhor desempenho das suas funções.

O mundo laboral exige uma aprendizagem contínua nos diversos níveis do saber. Subjacente a este princípio foi possível desenvolver algumas atividades de formação, em contexto pós-laboral.

Deste processo decorreu a utilização de novas ferramentas que podem levar a qualificações mais específicas no campo do trabalho.

FORMAÇÃO

FORMAÇÃO DE RECURSOS HUMANOS

Lasaete Silva

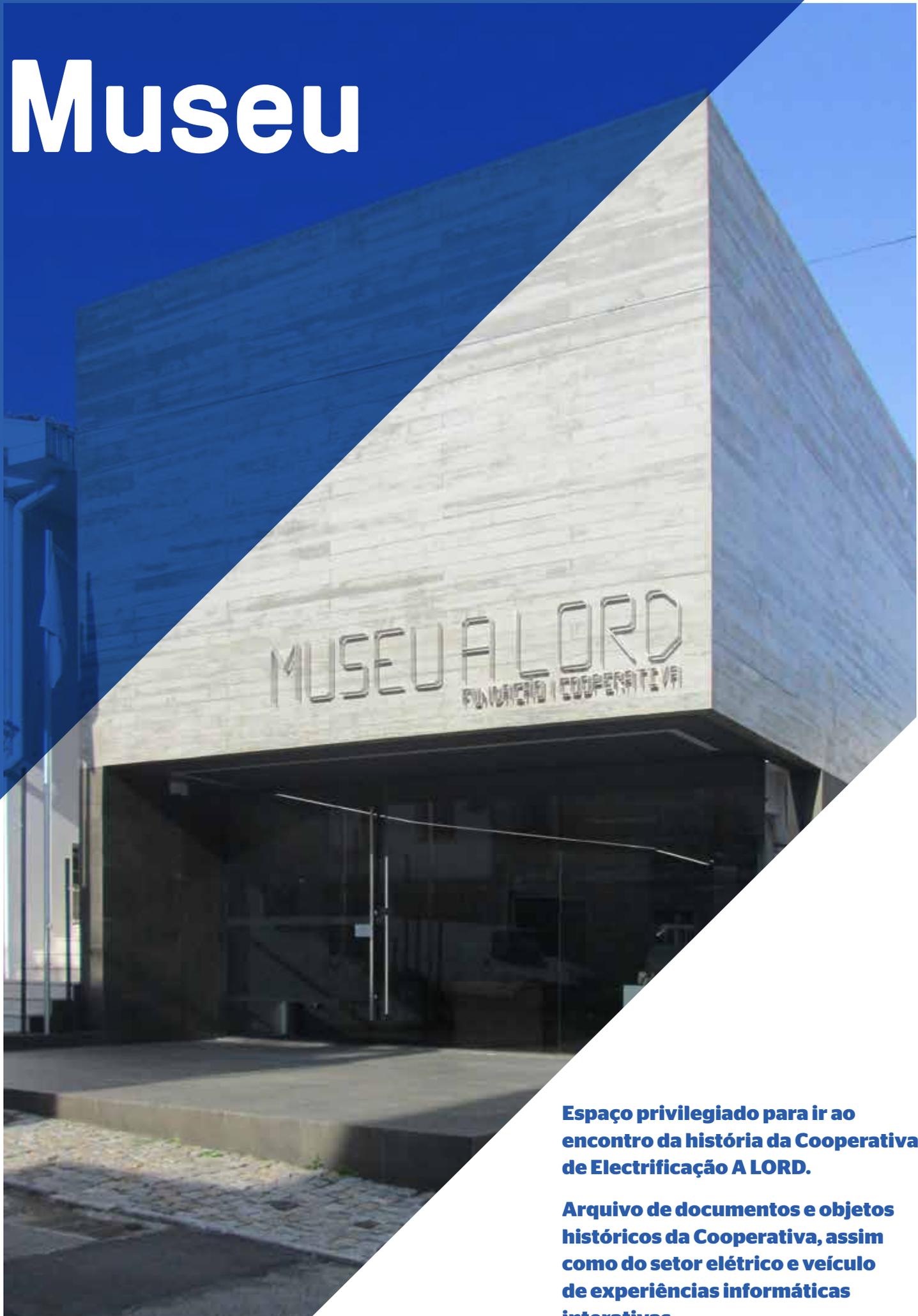
► A Fundação A LORD facultou os cursos de formação profissional “Motorista de Transporte Coletivo de Crianças e Transporte Escolar” e “Linguagem Francesa - Atendimento” a alguns funcionários, reforçando o papel formativo da Instituição.

Para levar a cabo estas ações, com a duração de 35h e 50h, respetivamente, recorreu-se a entidades formadoras externas.

Assim, foi possível aumentar a eficácia de alguns serviços.



Museu



Espaço privilegiado para ir ao encontro da história da Cooperativa de Electrificação A LORD.

Arquivo de documentos e objetos históricos da Cooperativa, assim como do setor elétrico e veículo de experiências informáticas interativas.

MUSEU

VISITA AO MUSEU

Fátima Carneiro

▶ Desde a inauguração do Museu A LORD, em maio de 2016, além de todas as atividades dos departamentos da Biblioteca e da Cooperação, que aqui decorrem, também se realizam visitas guiadas ao espaço interativo do Museu.

Durante o ano de 2017, o Museu A LORD recebeu a visita de alunos do Centro Social de Sobrosa, do Centro de Formação Profissional Duodifusão e da Escola Secundária de Paredes - Curso Profissional de Gestão de Equipamentos Informáticos.

Os alunos tiveram a oportunidade de conhecer

a história da Cooperativa e da Fundação A LORD, desde a sua constituição até aos nossos dias, através da mesa interativa, Timeline. Durante a visita, exploraram também a mesa interativa, Transformador, que contém informações relativas ao setor elétrico assim como a posição da Cooperativa de Electrificação A LORD, na cidade de Lordelo.

O Museu da Cooperativa e Fundação A LORD (aberto ao público de 2.ª a 6.ª feira, das 9h às 12h30 e das 13h30 às 18h) cumpre a função de arquivo, tendo em vista a preservação do Património desta Instituição.



Opinião



Confronto de várias experiências subjetivas sem pré-juízos de valor, tendo em vista contribuir para a compreensão de temas importantes relativos à sociedade.

PARTILHAR QUEM SOU, PARTILHANDO O QUE TENHO

Pe. Álvaro Pacheco

Instituto dos Missionários da Consolata, IMC

► Todos temos, certamente, gravadas na memória as terríveis imagens dos incêndios de 15 de junho e 15 de outubro de 2017 que consumiram vidas, bens, projetos e sonhos. Na altura, muito se falou e comentou, muito se criticou e acusou, muito se viu, muitos foram os que deram apoio económico (tendo, infelizmente e vergonhosamente, desaparecido “misteriosamente” boa parte dele), menos foram os que saíram do seu conforto e foram até ao terreno apoiar e ajudar... Ainda hoje tudo isto é parte das conversas e projetos da oposição e do governo, com acusações de um lado e promessas do outro.

Recentemente, estive no Fajão, uma simpática aldeia de xisto, perto da bem mais conhecida Piódão, como membro de um projeto de apoio voluntário à população da zona, em especial a algumas famílias. Não pudemos, eu e o meu pequeno grupo de 4 jovens e uma catequista do Alqueidão, paróquia do concelho da Figueira da Foz, fazer o fim de semana completo, mas partilhámos do esforço, vontade e garra de mais de 100 jovens da Trofa e uns 30 de Alcobaça. Fez-se muito, mas acima de tudo fez-se com muita dedicação, tanta que nem o frio e a chuva, que não deram tréguas, conseguiram “derrubar” física e anímicamente. Bem pelo contrário, foi um prazer enorme ver e ouvir a alegria e juventude daquela “malta porreira e generosa”, revelando que a nossa juventude também tem muito de bom para dar, porque é, na sua essência, boa. Por outras palavras, partilharam o que eram através do modo como se entregaram ao voluntariado e a quem dele usufruiu. Todo o trabalho foi bem organizado e executado e, ao fim do dia, os “meus”

estavam muito satisfeitos pela experiência, apesar das dores e calafrios que, naturalmente, só ali estavam porque se deram de corpo e alma... mesmo que só por um dia.

Como diz o ditado, “grão a grão enche a galinha o papo”: neste caso, grupo a grupo de jovens e adultos voluntários se transforma, em boa parte, a “triste sorte” daquelas gentes que, graças à essência boa e generosa deles, receberam consolação, esperança e força para recuperarem muita da paixão pela vida. Já tinha estado na zona de Pedrógão em três momentos distintos, dois de natureza espiritual (celebrando a Eucaristia em duas comunidades duramente afetadas pelos incêndios, Graça e Vila Facaia) e outra de cariz voluntário, ajudando noutras duas aldeias com catequizandos e escuteiros de uma paróquia vizinha. E, mais uma vez, pude constatar que toda aquela gente não precisa só de bens materiais e apoio financeiro, mas também e sobretudo de afeto, de um desabafo, de alguém ali presente, venha de onde vier... Como sabemos, o ser humano é um ser relacional, ou seja, foi criado em função de um outro. Sendo sacerdote, tenho que mencionar Deus neste contexto, pois Ele está na base desta nossa essência: Ele mesmo é relação e, como nos criou à Sua imagem e semelhança, fez-nos dependentes (no bom sentido da palavra) uns dos outros. Como tal, só somos verdadeiramente humanos e “divinos” enquanto partilhámos o que somos através do que temos.

E se pensarmos bem, somos imensamente ricos, porque temos muito para oferecer, não só alguns ou muitos euros para uma qualquer campanha solidária. Antes de tudo, temos vida em nós,



temos saúde, muita ou pouca (porque mesmo quem está doente pode fazer bem a outros através da força de vontade e paixão pela vida com que luta e carrega a sua cruz diariamente, sendo força, modelo e estímulo para quem está saudável), temos capacidades diferentes de outros, mas que, colocadas em conjunto, nos tornam mais fortes e capazes de fazer mais e melhor. Mas para tudo isto ser dom para outros, é necessária atenção a eles, sobretudo aos que mais sofrem, muita disponibilidade, tempo, humildade e vontade concreta, não teórica... porque ter ideias e muito palavreado de nada serve. Como dizia um colega meu, que foi missionário no Brasil durante 50 anos, o mundo está dividido em dois grupos: o dos braços abertos e o dos braços cruzados. Creio ter referido isto numa outra reflexão minha do passado, mas creio ser oportuno recordá-la, porque infelizmente as coisas não estão melhores por

haver muita gente de braços cruzados, que falam muito e criticam ainda mais quem faz alguma coisa; há também gente que se vangloria de nada fazer (muitos, porque lhes pagam mais do que se trabalhassem) e outros, porque esperam que as coisas apareçam feitas ou caiam do céu.

Nós somos capazes de muito e de bom. Toca a cada um de nós escolher, mas creio que se nos puséssemos na pele dos outros, sobretudo de quem está muito pior do que nós, as nossas atitudes seriam diferentes. O problema é que muitas vezes nos queixamos e acomodamos, porque nos comparamos com quem está melhor do que nós... e assim resulta mais fácil cruzar os braços e lamentar-se da nossa pouca sorte.

Podemos não mudar o mundo, mas para mudar alguém e/ou alguma coisa, temos que começar por nós mesmos!

A EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR: INÍCIO DE UM PROCESSO DE EDUCAÇÃO AO LONGO DA VIDA

Beatriz Ester Moura de Castro

Diretora do Agrupamento de Escolas de Lordelo

► A Educação Pré-Escolar destina-se a todas as crianças com idades compreendidas entre os três anos e a idade de ingresso no primeiro ano de escolaridade do ensino básico. De acordo com a Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar (Lei n.º 5/97, de 10 de fevereiro), "... é a primeira etapa da educação básica no processo de educação da criança ao longo da vida, sendo complementar da ação educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita cooperação, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança, tendo em vista a plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário".

A frequência da Educação Pré-Escolar é facultativa, no reconhecimento de que cabe, primeiramente, à família a educação dos filhos, mas compete ao Estado contribuir ativamente para a universalização da oferta deste nível de ensino.

A Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar (Lei n.º 5/97, de 10 de fevereiro) estabelece, entre outros, os seguintes objetivos: promover o desenvolvimento pessoal e social da criança numa perspetiva de educação para a cidadania; fomentar a sua inserção em grupos sociais diversos, no respeito pela pluralidade de culturas; contribuir para a igualdade de oportunidades no acesso à escola e para o sucesso da aprendizagem; estimular o seu desenvolvimento global, no respeito pelas suas características individuais; desenvolver a expressão e a comunicação através de linguagens múltiplas; proceder à despistagem de inadaptações, deficiências e precocidades, promovendo a

melhor orientação e encaminhamento adequados. A consecução destes objetivos promove a criação de condições para que a criança possa aprender ao longo da vida e, conseqüentemente, tenha uma inserção positiva no primeiro ciclo do ensino básico.

A Educação Pré-Escolar tem especificidades próprias que a diferenciam de outros níveis de ensino, porque não existe um currículo nem conteúdos programáticos. São trabalhadas as áreas de *Formação Pessoal e Social* (facilitadora do desenvolvimento de atitudes e de aquisição de valores promovendo a capacidade de resolução de problemas do quotidiano), *Conhecimento do Mundo* (facilitadora do desenvolvimento das relações com as pessoas, dos objetos e do mundo) e *Expressão e Comunicação* (facilitadora do desenvolvimento das aprendizagens relacionadas com a atividade simbólica e o progressivo domínio de diferentes formas de linguagem). Esta última divide-se em dois domínios, o das Expressões (motora, dramática, musical e plástica) e o da Comunicação (linguagem oral e abordagem à escrita e matemática).

Compete ao Educador de Infância construir um currículo adequado a cada contexto, no respeito pelas orientações curriculares, de forma a encontrar a melhor resposta para o desenvolvimento das crianças. O Educador de Infância deve ter em consideração os conhecimentos que as crianças já possuem, antes de ingressarem no jardim de infância, pois este será o ponto de partida para



novas aprendizagens. Cabe-lhe, também, criar um ambiente caloroso e organizar um conjunto de materiais e atividades pedagógicas para que o processo de ensino e de aprendizagem possa ser facilitado, encorajando as crianças no sentido de encontrarem, por si mesmas, as melhores formas de resolver problemas, o que desafia a sua curiosidade e estimula a reflexão. Neste contexto, é bem clara a participação das crianças na planificação das suas aprendizagens, em que as metodologias ativas são usadas no quotidiano educativo. As salas de aulas são espaços estimulantes, agradáveis, flexíveis e coloridos nos quais as crianças podem circular livremente, ter um apoio individual e atividades em grande grupo, devendo o Educador de Infância fornecer “janelas” de oportunidade que as ajudem a crescer, respeitando os seus diferentes ritmos de crescimento.

O Jardim de Infância é, então, um espaço de excelência dotado de uma estrutura e uma organização próprias em que a criança é o principal protagonista. Compete, ao Jardim de Infância, promover nas crianças vivências e experiências pedagógicas, de forma a que elas desenvolvam diferentes capacidades e aptidões. Além disso, o Jardim de Infância possibilita a despistagem de

inaptações e dificuldades da criança, promovendo a orientação e o encaminhamento adequados antes de ingressarem no primeiro ciclo do ensino básico.

É fundamental que as crianças usufruam de atividades educativas essenciais ao seu desenvolvimento cognitivo e comportamental e integrem na sua formação valores como a tolerância, o respeito pelas pessoas, o respeito pelo ambiente e o conhecimento de si, tornando-os vitais nas experiências que vivem como forma de alcançarem um sucesso educativo e académico ao longo da vida. Cabe aos pais e encarregados de educação fazer uma escolha educacional fundamentada e estabelecer relações amistosas com os diversos intervenientes educativos (designadamente com o pessoal docente e não docente), para que os seus educandos tenham acesso a uma vida plena e feliz.

Referências legislativas:

- Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar – Lei n.º 5/97, de 10 de fevereiro.
- Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar.

A PAIXÃO DOS LIVROS OU AS PALAVRAS QUE ANDAM CONNOSCO

Henrique Manuel Pereira

Universidade Católica Portuguesa (Porto) – Escola das Artes

► 1. *Desses dias da vida me vem a visão de um passado remoto e feliz. Era inverno. Teria talvez 11-12 anos. As horas eram lentas e tudo era feito com vagar e solenidade. Abria um livro e...*

Estivesse eu disposto a começar um registo de memórias e seria talvez uma boa forma de lhe dar início. Foi por esse tempo que mais profunda e violentamente descobri o espanto, o poder mágico das palavras e o milagre dos livros. Lia com a aplicação de um menino ajuizado, via de regra na cama, esmagado por cobertores de lã, não raro por baixo deles, munido de lanterna, quando minha mãe, pela terceira ou quarta vez, mandava que apagasse a luz. Que lia eu que tanto lia? De tudo, até fotonovelas que a Sara partilhava comigo, na tentativa provável de me encorajar a beijar como os galãs de bigode e risca ao meio.

Benditas carrinhas da Gulbenkian que me deram tantos mundos! Abençoado ti' Alberto Lopes, que me emprestou tantos livros! Graças a eles, também eu vivi coisas extraordinárias. Estive na lua com Júlio Verne, cacei baleias com Melville em *Moby Dick*, ouvi as sereias na Odisseia, fui amigo e escudeiro do idealista "seco de carnes e enxuto de rosto", vi chorar Anna Karénina...

Há relativamente pouco tempo, descobri-me amante de alfarrábios, outra forma de amar os livros, sobretudo os mais velhos e vulneráveis. Outra dimensão, enfim, desse objeto singular, motivo de afeição e veneração, capaz de despertar laboriosas procuras, furiosas paixões e mesmo crimes.

Porque é verdade, embora correndo o risco de presunção barata, subscrevo o que disse Jorge Luís Borges, talvez o cego mais genialmente clarividente: "Há quem não possa imaginar um mundo sem

pássaros; há quem não possa imaginar o mundo sem água; no que me diz respeito, sou incapaz de imaginar um mundo sem livros."

2. Olhando para o fundo da história, percebemos que Steiner tem razão: "A escrita constitui um arquipélago na imensidade oceânica da oralidade humana." Sabemos pouco da génese e infância da escrita. São muitas as opacidades. "Na China, textos de natureza ritual ou didática remontam com certeza ao segundo milénio anterior à nossa era. Que os escritos administrativos e comerciais produzidos na Suméria, que os proto-alfabetos e alfabetos nascidos no Mediterrâneo oriental são testemunhos de uma evolução complexa, cuja cronologia rigorosa ainda está por determinar."

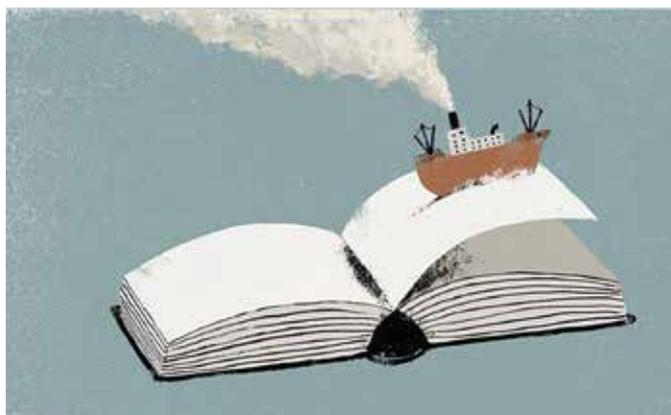
Seja como seja, constatámos que a palavra oral se volatiliza. Por meio de símbolos gráficos, descobrimos a possibilidade de escrever palavras e dessa forma ampliámos até ao infinito a nossa capacidade de comunicação. Verificámos que ditas ou colocadas na ordem certa as palavras criam e mudam a realidade, que ferem, mas também curam... Experimentámos, pois, a força operativa das palavras - bem como o seu singular poder de sedução e encantamento.

Depois ou em simultâneo, comprovámos que os textos dos livros rompem as fronteiras do tempo e do espaço, puxam o passado para o presente, dão vida ao que partiu, transcendem e sobrevivem aos seus autores, que também imortalizam personagens e as tornam contemporâneas dos vindouros. Os livros não apenas nos multiplicam a vida, fazem com que vivamos muitas vidas.

De certo modo, todo o universo é um livro imenso. Não será casual o facto de o Livro da Vida se encontrar, segundo o Apocalipse, no centro do Paraíso identificado com a Árvore da Vida - as folhas das árvores, como os caracteres do livro, representam a totalidade dos seres e a totalidade dos decretos divinos.

Os livros (e pouco importa para aqui uma definição) narram a extraordinária odisséia do espírito humano. Em face deles, o génio isolado parece inconcebível. Tem razão o nosso D. Francisco Manuel de Melo ao afirmar que "o Mundo ficava às escuras sem a luz da lição escrita". Por outro lado, cada livro é uma aventura coletiva: autores, paginadores, revisores, designers, ilustradores, impressores, encadernadores, editores, livreiros, químicos, arquivistas, alfarrabistas, etc. Em torno do livro se convoca, portanto, um Universo imenso. Há quem os escreva, quem os produza, quem os trafique, quem os leia, quem fale deles sem nunca os ter lido, quem os possua...

Passemos ao largo dos diferentes materiais e formatos que o livro foi assumindo desde as remotas tabuinhas, rolos de papiro ou volumnia, pergaminhos, códices... "As variações em torno do objecto

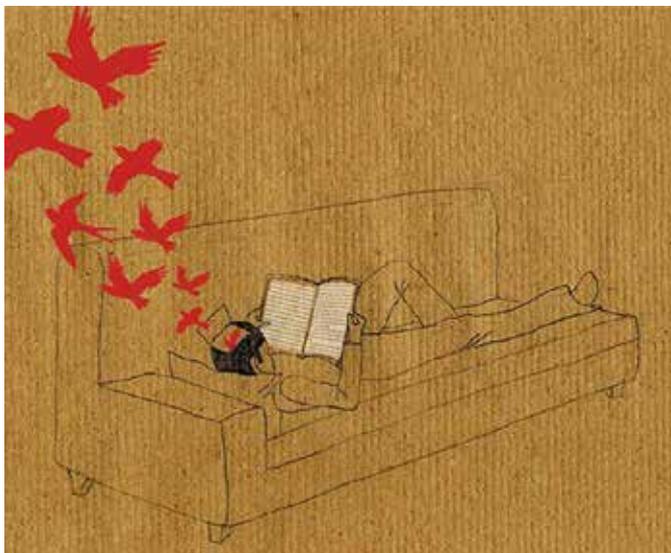


livro - testemunha Umberto Eco - não lhe modificaram a função, nem a sintaxe, há mais de quinhentos anos." Por conseguinte, o Livro é como a colher, o martelo, a roda ou o cinzel. Uma vez inventados, não se pode fazer melhor.

Não obstante, também neste campo a evolução foi vertiginosa. Se aceitarmos a proposta de Martyn Lyons, imaginando a história da comunicação textual sob a forma de um calendário anual, situaríamos a origem da escritura na Suméria a 1 de janeiro, e a invenção do códice em setembro; diríamos que Gutenberg criou ou seus tipos móveis pelos finais de novembro; e que a internet, a mais fundamental das mudanças, foi inventada pelo meio-dia de 31 de dezembro, aparecendo os livros eletrónicos já ao pôr do sol desse último dia do ano.

Acabará o e-book um dia por matar o livro tal como o conhecemos? Porque não aludimos sequer aos inimigos dos livros - não penso apenas nas queimas orquestradas pelo Terceiro Reich a partir de 1933 nem no azul das pseudo-ortodoxias - também não é este o lugar nem o momento para desenvolver vaticínios ou especulações académicas. Em todo o caso, sempre direi que me ponho na fila de Abraracourcix, esse grande chefe de irredutíveis gauleses que viveram no ano cinquenta antes de Cristo. E quando ele disser

"Amanhã não será a véspera desse dia!", eu repito com ele.



As árvores e os livros

As árvores como os livros têm folhas e margens lisas ou recortadas, e capas (isto é copas) e capítulos de flores e letras de oiro nas lombadas.

E são histórias de reis, histórias de fadas, as mais fantásticas aventuras, que se podem ler nas suas páginas, no peciolo, no limbo, nas nervuras.

As florestas são imensas bibliotecas, e até há florestas especializadas, com faias, bétulas e um letreiro a dizer: "Floresta das zonas temperadas".

É evidente que não podes plantar no teu quarto, plátanos ou azinheiras. Para começar a construir uma biblioteca, basta um vaso de sardinheiras.

(Jorge Sousa Braga, *Herbário*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1999).

SOBRE A VISITA DO PAPA A FÁTIMA

Levi Guerra*

► Um acontecimento! Um grande acontecimento! Segui-o pela televisão e, a espaços, pela rádio.

Ouvi muito e, depois, li muito do que foi escrito. Tenho a aplaudir muito do que vi e ouvi, e também do que li, sem deixar de perceber algumas deficiências no entendimento de Fátima.

Mas será que Fátima se entende? Claro que não! Acaso se entende Jesus Cristo? Claro que não! Mas como é que pessoas tão inteligentes como são alguns consagrados jornalistas dos variados “media”, abordam Fátima, e o sagrado, como se relatam quaisquer acontecimentos mundanos?! Daí que, em tudo o que escrevem ou publicitam, levantam questões e dúvidas que são pouco menos que insensatas! E porquê? Porque não acreditam!

Há que respeitar isso, naturalmente. Mas porque é que eu, e outros, a multidão desses que estiveram em Fátima, acreditamos? Porque há a Igreja que somos, o Povo de Deus, os batizados?

Atendamos a que a substância da crença no que respeita a Deus, ao divino e ao sagrado (quer dizer ligado a Deus, daí divino ou *divinizável*), e que é o que está em questão, não está ao alcance da razão, nem é racionalizável, quero dizer, não é compreendido pela inteligência humana. Tudo o que a mente humana compreende, domina! Como se pode pretender compreender Deus? **DEUS NÃO SE EXPLICA, REVELA-SE!** Sim, Deus é mistério! E o mistério respeita-se. É matéria da Fé. Justifica-se é que se analisem e provem

com rigor as realidades e os factos emergentes – a veracidade dos milagres e a natureza credível das pessoas envolvidas – e isso na Igreja sempre tem acontecido e constitui uma disciplina teológica designada Exegese. E é central para nós percebermos que o mistério é algo que é muito real, não só nestas questões que poderíamos designar de religiosas, mas em muitos outros aspetos identificáveis no mundo e no universo, muitos que a Ciência tem desvendado e onde a razão se abisma ante a ordem, a complexidade, a perfeição e, em tantos casos, a beleza. Cada pessoa atenda ao mistério da sua existência, entre a saúde e a doença, no incompreensível maravilhoso da vida humana que se não explica nem entende entre a geração e a morte, e que na pessoa é corpo e alma. Mas o que é a alma? É o “sopro vital”, podemos dizer, é o nosso espírito que é imaterial. A Alma não se divide, pois o imaterial não se divide. Tal o pensamento. Por isso, cada pessoa recebe de seus pais o património genético mas não a sua alma que não é a junção de dois fragmentos das almas do pai e da mãe! Mistério da criação, digamos desse Deus que se manifestou em Jesus Cristo que O revelou, sem O explicar; esse mistério de Deus que é Santo, Trino, permanentemente Criador, que é Amor, e que disse a Moisés: “Sou o que Sou!”. Nos Evangelhos revela-se que a Sua Voz se ouviu, dizendo: “Este é o meu Filho bem-amado! Ouvi-O!”.

Ora, a Deus, nunca ninguém viu.





Fátima entra aí! O que em Fátima se passou com os pastorinhos, e tem vindo a acontecer ao longo dos cem anos que se perfizeram, tem muito de misterioso e inexplicável pelo saber humano, pela nossa pura razão.

A Virgem apareceu aos pastorinhos! Perguntam: donde veio? Do Céu! Mas onde está o Céu e o que é? Mas apareceu ou foi uma visão que os pastorinhos tiveram? Se apareceu sobre a azinheira, porque não era vista pelas pessoas que entretanto acompanharam os pastorinhos nas aparições que se seguiram à de Maio de 1917? E como se explica que entre os pastorinhos nem todos experimentassem a visão da mesma maneira?

Claro que tudo isto é mistério, e até parece contraditório! Mas mistério não é mentira nem falsidade, e muito menos, portanto, o que se passa em Fátima é um logro!

A credibilidade do fenómeno de Fátima vem da coerência revelada pelos pastorinhos no que afirmaram, com constância – e sob pressões e ameaças terríveis – falando de acontecimentos mundiais em curso e anunciando outros que estavam fora do alcance da sua primária instrução; e ainda mais, como prova de credibilidade do mistério da presença real da Senhora, veio a revelação feita por Ela numa das aparições (creio que em Julho de 1917) anunciando que no outubro seguinte, daria um sinal especial (a alteração meteorológica traduzida na dança do sol e na súbita tempestade

ocorrida). Depois vêm os milagres provados e acontecidos a pessoas identificadas e todo o comportamento irrepreensível destas crianças, nas expressões da sua religiosidade como na serenidade face à doença que enfrentaram quer Jacinta quer Francisco. Claro que a história de Lúcia foi outra.

Sobre este assunto, quero recorrer-me, para terminar, do pensamento do grande filósofo francês que foi Gustave Thibon, já falecido em Janeiro de 2001, e que diz assim*: **Deus não responde às nossas interrogações, desvanece-as. O mistério...e todas as contradições esparsas na sua obra não poderiam abalar a minha fé, porque, se Deus não fosse contraditório aos olhos do homem, não seria infinito, e eu desconfio da lógica enquanto me abandono ao mistério.**

Assim humildemente procedo, embora confessando-me pecador entre pecadores, como o Papa Francisco se proclamou! E cada um sabe de si!...

É por tudo isto que Fátima para mim não é um embuste e que, uma vez mais, a presença do Papa Francisco credibiliza, em absoluto. Acresce que as Suas palavras em Fátima são de grande alcance teológico e são alimento espiritual seguro, para sempre.

-in: "O olhar que se esquivava à luz", Livraria Figueirinhas, Editora.

* Médico e Professor Catedrático de Medicina, Jubilado, da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto; Prémio Nacional de Saúde 2013 do Ministério da Saúde; Medalha de Ouro da Ordem dos Médicos

APONTAMENTOS, MEMÓRIAS

Manuela de Abreu e Lima

Sócia-colaboradora da Árvore – Cooperativa de Actividades Artísticas, CRL

▶ A arquitectura foi através de todos os tempos uma linguagem universal, para cuja formação e para cujo progresso contribuíram povos das mais diferentes origens. É um dos símbolos capitais de determinada cultura e de uma determinada civilização. Vejamos as pirâmides egípcias a marcarem a autoridade despótica do faraó; os templos românicos a afirmarem o dogmatismo rígido da Igreja Católica medieval ou, já no nosso tempo, o Imóvel de Marselha a registar uma época de sentido humano, de solidariedade cívica e de progresso técnico. O célebre Imóvel de Marselha (1946-1952), uma das primeiras encomendas do Estado Francês a Le Corbusier (Suíça, 1887-França, 1965) cuja gestão do projecto foi extremamente difícil pela campanha lançada por arquitectos conservadores e higienistas, temerosos contra a sua construção.

Aqueles que, por princípio, se opõem a tudo que ameace o torpor tranquilo do seu espírito, parariam, se pudessem, a marcha do mundo, para não mudar nem os seus hábitos nem as suas ideias.

A arquitectura como manifestação superior da criação humana possui a sua técnica, a sua expressão plástica, a sua ideologia próprias que a caracterizam e a individualizam. Será tanto mais verdadeira quanto mais profundamente mergulhar as suas raízes no ambiente, na colocação do homem na natureza e nas aspirações da sua época. «Reencontrar a lei da natureza e considerar o homem e o seu meio – o homem fundamental e a natureza profunda» (Le Corbusier).

Um dos exemplos mais marcantes e magníficos de uma sã e verdadeira arquitectura vem-nos da Bauhaus, fundada em 1919, por Walter Gropius em Weimar. A Escola da Bauhaus é o expoente inicial do movimento moderno. Experiência pedagógica no domínio do Design, da Arquitectura e do Urbanismo. Nomes como, Mies van der Rohe, Moholy-Nagy, Oskar Schlemmer, Paul Klee, Kandinsky, Hannes Meyer, Stravinsky, Schoenberg e muitos outros participaram neste projecto.

O ensino da Arquitectura estava implícito em toda a filosofia do manifesto da Bauhaus que colocava a construção arquitectónica como factor unificador das outras artes, escultura, cerâmica, design gráfico, experiências de luz, música, teatro, bailado... Após várias vicissitudes, esta escola, com mudanças sucessivas de cidade, Weimar, Dessau e Berlim, para tentar sobreviver à perseguição nazi é, em 10 de Abril de 1933, assaltada por 200 policia nazi, ficando a Gestapo a ocupar as suas instalações.

Em 1945, com o fim da II Guerra Mundial, estavam criadas condições para a expansão da Arquitectura Moderna. A Europa irá reconstruir-se e os países dominados por regimes conservadores verão as suas devastadas cidades ressurgir com os melhores exemplos de arquitectura contemporânea.

Nos Estados Unidos, Frank Lloyd Wright e uma plêiade de arquitectos europeus fugidos ao nazismo prosseguiram na marcha da modernidade.

Frank Lloyd Wright (1867-1959) é considerado o arquitecto americano mais influente de todos os tempos. Defendia uma arquitectura orgânica que resultasse numa relação harmónica entre a habitação e a natureza. Acreditava que o arquitecto devia intervir no projecto mas, também, desenhando os móveis e toda a organização da moradia, incluindo o espaço circundante.

O mais célebre exemplo desta ambição com uma arquitectura perfeitamente integrada na natureza é a Casa da Cascata, Fallingwater (1935-1939).

Esta célebre e belíssima casa serviu de cenário a um dos maiores clássicos de Hitchcock, «Intriga Internacional» (1959), associando-se à Arquitectura, a Sétima Arte.

No Porto, um grupo de arquitectos procurou empenhadamente defender e divulgar as obras dos seus componentes, estava formado o ODAM - Organização dos Arquitectos Modernos, com o entusiasmo da juventude e o desejo de concorrerem, com o seu esforço, para a modernidade da arquitectura de acordo com os ditames dos CIAM - Congressos Internacionais de Arquitectura Moderna.

Realizou-se, no Ateneu Comercial do Porto, a primeira exposição do ODAM, em Junho de 1951, tendo como Comissão Executiva, os arquitectos Arménio Losa, Cassiano Barbosa, Fernando Lanhas e Viana de Lima. Nesta exposição havia trabalhos, além dos já citados, de mais de 20 arquitectos: Adalberto Dias, Rui Pimentel, João Andersen, Mário Bonito, Carlos Loureiro, Alves de Sousa, Agostinho Ricca, Fernando Távora, Artur Andrade, entre muito outros...

Esta exposição foi acompanhada por conferências proferidas por arquitectos e foi objecto de itinerâncias por várias cidades do país, contribuindo deste modo para a divulgação das obras dos arquitectos participantes. O arranjo gráfico dos convites é de autoria do Arquitecto Fernando Lanhas, o desenho dos cartazes é do Pintor Júlio Resende.

As obras destes arquitectos que integraram o ODAM podem ser vistas, muitas delas, no Porto, em relativo bom estado de conservação. Algumas, marcam definitivamente a paisagem arquitectónica do Porto, são também parte da vida diária dos portugueses, outras, serão completamente desconhecidas, como se ausentes do local onde existem há mais de 60 anos. Estes arquitectos opuseram-se firmemente ao tradicionalismo nacionalista, sendo promotores persistentes dos ideais do Movimento Moderno, enquanto arquitectos e membros activos de grupos e associações de debate e divulgação da Arquitectura Moderna.

O grande público tem dificuldade em se adaptar e compreender as novas expressões arquitectónicas, determinadas por condicionismos sociais e económicos que exigem, hoje, uma arquitectura feita à medida



Bloco da Carvalhosa

do homem, que resolva as suas necessidades e as suas aspirações.

Constituem, algumas destas obras, exemplo dum trabalho conjunto de pintores, escultores e dos arquitectos que convidavam estes colegas contemporâneos na Escola de Belas Artes, a executarem obras para o exterior e interior destes prédios que os enriquecem e personalizam.

Mais ou menos por ordem cronológica, vou referir alguns: «Bloco da Carvalhosa» (1945/50), na Rua da Boavista; «Edifício DKW» (1946/51), Rua Sá da Bandeira gaveto com a Rua Guedes de Azevedo; «Casa António Neves» (1947/49), Rua Clube dos Caçadores - Vila Nova de Gaia, edifício de habitação unifamiliar, construído em socalcos, com 3 andares, tendo na caixa da escada solta das paredes um mural magnífico do Pintor Augusto Gomes, no jardim pode ser admirada uma escultura do Escultor Américo Braga; «Bloco da Constituição» (1950/52) com uma escultura belíssima do Escultor Eduardo Tavares, que encima a entrada das garagens; «Edifício Soares & Irmãos» (1950/53), Rua de Ceuta, gaveto com a Rua da Picaria, onde pode ser apreciado um amplo mural, em «cavan», ao nível da rua, de autoria do Pintor Augusto Gomes. Estas obras acabadas de citar são de autoria dos arquitectos Arménio Losa (Braga, 1908 - Porto, 1988) & Cassiano Barbosa (Porto, 1911-1996). Este prédio da Carvalhosa (Rua da Boavista, 571 e 573 - Porto) foi em 2017, classificado pela Direcção Geral da



Cinema Batalha



Painel da fachada do cinema Batalha



Bloco da Constituição

Cultura e Património, como Monumento de Interesse Público.

«O Bloco da Carvalhosa (prédio de habitação colectiva) é uma obra exemplar, construída numa época particularmente complexa e difícil, em plenos anos quarenta do séc. XX pelas dificuldades resultantes da Segunda Guerra Mundial, pela vaga nacionalista do regime do Estado Novo, e pelas angústias e incertezas dos arquitectos portugueses face aos caminhos a trilhar. (...) É este carácter de exigente qualidade, utopia de ontem como de hoje, que se premeia com a presente classificação.» in Diário da República, 2.ª série - Nº 191 - 3 de Outubro de 2017.

«Faculdade de Economia» (1961), na Cidade Universitária do Porto, além da obra em si, em betão à vista, que dado o público utente, que nem sempre mostra respeito pelos locais que frequenta, é bonito e resistente. Logo à entrada, no exterior, pode ser visto um obelisco do Escultor José Rodrigues, no interior podemos admirar uma peça em bronze do Escultor Virgílio Domingues, uma bela e enorme tapeçaria segundo cartão do Pintor Júlio Resende, pode ser admirada no interior, num dos salões; «Moradia Marques Pinto» (1961), no Porto, às Antas, na fachada voltada à rua pode ser visto um grande painel de azulejo do Pintor António Quadros; «Hotel Império» (1943) na Pç. da Batalha, no Porto. Estas obras são de autoria do Arquitecto Alfredo Viana de Lima (Esposende, 1913 - Porto, 1991).

«Cinema Batalha» (1949), (Imóvel Classificado como de Interesse Público) Pç. da Batalha, gaveto com a Rua Santo Ildefonso, na fachada virada para a Batalha, pode ser visto um grande painel em cerâmica de autoria do Escultor Américo Braga, com motivos alegóricos ao S. João, às colheitas, ao solstício do Verão, tem uma ou outra ferramenta dos camponeses, incluindo uma foice, tendo escapado da

sanha fascista dos pides por um verdadeiro milagre. O mesmo não aconteceu ao fresco, no interior, de autoria do Pintor Júlio Pomar, que pintado por cima tornou irreversível a sua recuperação, recuperação esta, só tentada e possível após o 25 de Abril, obviamente. Esta obra tem sofrido, desde o seu encerramento como cinema, por razões que todos conhecemos, tratos de «polé» temendo-se que este património viesse a ser perigosamente agredido. Felizmente, o executivo da Câmara do Porto garantiu não só o seu restauro por arquitectos dignos de confiança, mas também a sua adaptação a novas valências.

Esta obra é de autoria do Arquitecto Artur Andrade (Porto, 1913-2005). De autoria deste arquitecto é também o «Café Rialto» que, embora já não exista, foi daqueles espaços ocupados por instalações bancárias, existe o local, gaveto de Sá da Bandeira com a Pç. D. João I, no r/c do edifício projectado pelo Arquitecto Rogério de Azevedo que fez imenso sucesso, na altura, por ser o mais alto da cidade do Porto. Ainda se podem ver em excelente estado de conservação dois frescos, um de Dordio Gomes, outro de Guilherme Camarinha, e um desenho magnífico de Abel Salazar que se vê muito bem cá de fora.

Por questões familiares de amizade, e admiração, refiro-me a estas obras, e não a outras, porque além do mais, vivi-as, conheço-as muito bem assim como os arquitectos seus autores, aos pintores e aos escultores participantes, mas há muitas mais, espalhadas pela minha cidade, o Porto, e outras cidades do País e Ilhas e algumas até no estrangeiro.

Poderá ser um excelente tema para um trabalho para um mestrado, por exemplo, fazer este levantamento das obras dos arquitectos do ODAM.

A autora escreve de acordo com a antiga ortografia.

A CASA QUEIMADA

Texto de Maria Florinda Almeida

Médica Oftalmologista

Ilustrações de Marília Almeida

Professora do Ensino Básico

Em memória do nosso avô, Professor António de Sousa Almeida...



► Em memória do nosso avô, o Professor António de Sousa Almeida, olhámos o passado e relembrámo-lo num conto singelo assente em factos reais.

Sempre que se pretendia uma referência para um encontro, orientação de lugar ou residência de alguém das redondezas, dava-se como marco indicativo e facilmente reconhecido, as ruínas de um antigo edifício há muito lembrado pelo nome sombrio de “A Casa Queimada”.

Na esquina em que uma rua de terra batida, hoje alcatroada, desembocava na estrada principal de uma das maiores freguesias do concelho, erguiam-se tristes, mas profundamente marcantes, os escombros cinzentos do que outrora fora um edifício importante na história e cultura locais, devorado, numa noite sinistra, por chamas incontroláveis de um impiedoso incêndio.

Aquelas paredes construídas com blocos espessos de granito dando-lhes forte resistência, caiadas de branco no andar superior, não se deixaram vencer facilmente pelas labaredas sedentas e incontroláveis. Assim, como um esqueleto disforme, mutilado, enegrecido, ali permaneciam testemunhando a história daquela casa feita das memórias de quem ali viveu e de quantos a frequentaram.

Aquele testemunho era tão intenso que, por décadas, se conservou para amiúde se dizer: “... olha, encontramos-nos ao pé da Casa Queimada”, “... quando chegares, se tiveres dificuldade, espera junto da Casa Queimada”...

Os anos passaram e para gerações mais recentes ocorriam, volta e meia, as perguntas: “O que aconteceu na Casa Queimada?”, “Esta casa tinha alguma importância?”, “Algo a distinguiu das demais?”...

A garotada, essa, o que mais gostava era explorar o interior daquele reduto, cheio de silvas que, crescendo num emaranhado intenso, cobriam o andar térreo e trepavam pelas paredes rugosas e descoloridas. Os espinhos grossos e encurvados como garras garantiam, contudo, que ninguém mais ali entraria.

Nas tentativas temerárias sempre alguém espicaçava outro para se aventurar: “Vá, entra que eu vou a seguir”, “Ora, entra tu primeiro... afinal, não há portas, nem janelas...”, “Parecem olhos enormes e vazios...”

Aquela casa, porém, tinha a sua história e o seu ar espectral atraía fortemente a atenção de muitos que por ali passavam. Facilmente, ao deter o olhar naqueles escombros, a imaginação recriava cenários variados do que outrora teria sido o fervilhar de vidas no seu âmago - adultos e crianças entrando e saindo, subindo e descendo as escadas de pedra exteriores, desgastadas mas ainda presentes, e, certamente, as interiores de madeira, engolidas naquela noite trágica.

Do que restou era possível imaginar a arquitetura original, mesmo que aproximada. Sem dúvida que, muito provavelmente, haveria no andar térreo, salas grandes, talvez uma loja e um primeiro piso como área residencial. A configuração do topo de algumas paredes parecia permitir a existência de um sótão alargado, quem sabe... com mansardas.

A curiosidade mais acesa de alguém, aproveitando recordações dispersas largadas no tempo, quais lágrimas saudosas chorando em silêncio o passado, permitiu desbravar um pouco do quanto foi vivido e partilhado naquele casarão.

A sua existência teve, conforme se foi percebendo, importância para a freguesia, particularmente, para os lugares e lugarejos circundantes. Aquele prédio granítico, de ar pesado e pretensiosamente invencível às tempestades da vida, era uma escola. Como escola estatal e, seguindo regras da época, também era residência do seu Diretor e família, se fosse esse o caso.

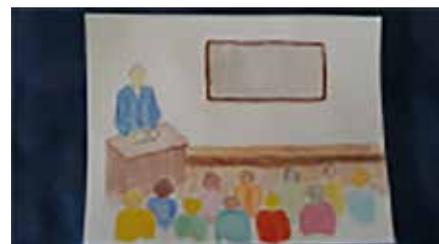
O prédio estendia-se ao longo da margem poeirenta da estrada continuando-se através de um muro suficientemente longo que resguardava uma área, em parte ajardinada ou não, dando acesso à entrada principal. Nas traseiras, quiçá uma área mais protegida para o recreio dos jovens alunos durante os intervalos entre as aulas.

Ali, durante anos, muitas crianças em gerações sucessivas, adquiriram a sua formação escolar, alicerces da sua cultura, bagagem indispensável para a sua viagem pela vida, preparação e capacidade de escolha profissional, independência.

Podemos imaginar como seriam todas as manhãs, excetuando o domingo - dia do Senhor e de descanso - a pequenada, dos mais novinhos aos mais crescidos da quarta classe, atravessando o portão, sacola ao ombro, e nesta, a lousa e o ponteiro.

Com tal material escolar, tão parco, era fácil escrever e copiar o que os professores ensinavam registando no grande quadro negro de ardósia, apagar e repetir, corrigindo os erros até que ler, escrever e contar fossem devidamente apreendidos.

Os professores, na época, tinham uma autoridade natural reconhecida e respeitada, pois a sua ação educativa não deixava dúvidas na população, quanto ao seu valor como pilar da sociedade. A instrução permitia a evolução de criança a adulto



através do conhecimento, descobrindo-se capacidades e dons intrínsecos nos jovens alunos. O conhecimento ministrado pelos professores, os seus conselhos, decisões eram recebidos por alunos e pais e no meio, em geral, com consideração e respeito. Ensinar ocupava um patamar elevado no sentimento das gentes da terra.

Em cada ano letivo, de quando em vez, novos professores vinham lecionar e nem sempre conseguiam, de imediato, alojamento. Então, o Diretor da escola procurava instalar quem estivesse em tal situação, dentro dos cômodos possíveis, no espaço residencial da escola. Fácil é compreender a constante renovação de relacionamentos, criação de novos laços de amizade, em convivência sadia, amistosa, apesar da diversidade natural de temperamentos e hábitos. Decerto era necessária a mestria e apoio oferecidos pela esposa do Diretor e matriarca do clã familiar. O que a memória guardou indica ser uma família enriquecida com, pelo menos, uma meia dúzia de filhos, crescendo felizes entre as muitas crianças que foram frequentando a escola.

A par do ensino, do desenvolvimento de disciplina e de bons hábitos sociais que os professores transmitiam aos alunos, moldando personalidades em que a honestidade, retidão e respeito pelo semelhante se cimentavam, o edifício da escola era palco de vida familiar, tertúlias de amigos e figuras destacadas da terra, centro de análise, planeamentos e decisões importantes para a realização de objetivos que impulsionavam o desenvolvimento e modernização daquela pequena área administrativa, freguesia e paróquia.

Ali, cabiam sonhos de progresso individual e coletivo, e estratégias para a sua

concretização. Depois do bulício das aulas, quando a noite acontecia, era comum professores, amigos e quem se achasse por bem convidar, reunirem-se em serões de alegre cavaqueira ou para se pôr em prática atividades que valorizassem tanto a freguesia como a população. Atividades no âmbito desportivo (por ex. formação de um clube de futebol), na área musical, tão do gosto do Diretor da escola (por que não criar uma pequena orquestra local?), trazer a eletricidade para a região, meio fundamental para o seu desenvolvimento, etc. Todo esse sonhar e realizar não coube somente naquela escola, mas esta tomou parte nesse caminhar, pois o seu Diretor vivia empenhado no progresso da terra onde vivia, disponibilizando os seus conhecimentos, trabalho e vontade.

Nem sempre os dias eram felizes. Ao longo de tantos anos as tristezas também se faziam convidadas. Contudo, a partilha entre família e amigos atenuava a dor e ajudava a continuar a vida com esperança.

Entretanto, os alunos mais velhos iam deixando a escola, talvez com alguma saudade, e outros pequeninos iniciavam o seu primeiro percurso no mundo do trabalho, porque estudar, aprender, é trabalho. É alimentar a semente do saber para crescerem, não só fisicamente mas, também, intelectualmente.

Viver é assim. Nascer, crescer, conhecer e desbravar o mundo com anseios, frustrações, vitórias, depois acalmar, recordar, enfrentando sempre o desconhecido, o imprevisto, até ao fim.

A vida segue, assim, com uma sucessão rotineira dos dias, onde tudo parece previsível, calmo como um mar sem ondas. Porém, é uma ilusão. Quando o sol desponta no horizonte ou nele se esconde, pode

trazer um inesperado e impensado rumo à vida calma até então.. O dia começara como sempre.

A família acordou, o Diretor da escola também. Todos se prepararam para o trabalho. Ao silêncio sucedeu-se o burburinho da chegada das crianças à escola, professores atentos e responsáveis deram início às aulas, seguiu-se o intervalo barulhento no recreio, findaram as aulas e a noite caiu como um véu escuro com pontinhos brilhantes.

Tudo se aquietou... A família preparou-se para o jantar, um pequeno serão talvez, e uma noite de repouso.

Como em qualquer noite podiam-se escutar apenas alguns ruídos do estalar da madeira de móveis antigos, uns piados de aves noturnas e, a pouco e pouco, ninguém os escutava. Nos braços de Morfeu todos recuperavam forças para o dia seguinte que se aproximava paulatinamente.

Subitamente, a filha do professor residente, o Diretor, acordou e sentiu-se estranhamente incomodada. Não percebeu a razão. Procurou acalmar-se e tentar adormecer. Uma insónia é sempre aborrecida e traz fadiga. Não conseguiu. Uma luz captou-lhe a atenção. Mais alguém perdera o sono e se levantara? Deixou-se ficar escutando. Que estranho!!! A luz que se acendera, variava de intensidade... iluminava, quase desaparecia para surgir mais viva em seguida!!!! Um estalido, um pequeno restolhar estranho assustou-a!!!! O que estava a acontecer? Aflita levantou-se e correu ao encontro da luz... Estacou aterrorizada!!! Na sala? Na cozinha? Alguma coisa estava a arder!!!! As labaredas irromperam subitamente... Então gritou desvairada para que todos acordassem. Era um incêndio. Meu Deus, que des-



graça!!!! Todos acorreram aos gritos aflitos! Oh! Que horror!!! Que fazer? Fugir? Apagar as chamas? Pedir Socorro? Alguém de fora dera conta do que estava a suceder na escola. Gritaram também e muitos da vizinhança vieram ajudar. Os meios eram poucos. Pediram ajuda aos bombeiros, mas estes viriam de outra freguesia. E vieram, mas o tempo escasseava para vencer aquelas línguas de fogo vermelho e escaldante cada vez mais violentas. Enquanto uns lutavam para além das suas forças tentando abafar a fúria das chamas dispostas a vencer destruindo tudo, outros tentavam salvar alguns bens. O que fosse possível. Alguma coisa... O desânimo também queria entrar naqueles corações aflitos. Os bombeiros tardavam. Sinistramente gloriosas, as línguas de fogo engordavam e apontavam em todas as direções consumindo tudo e confundindo todos.

- "Ai, Jesus!!!! Levem os documentos..."
- "A minha mala, atira-a pela janela..."
- "Ajudem a mãe e o pai também..."

Tinham de deixar a casa. O seu interior, em madeira, podia ceder a todo o momento. O fumo já toldava a visão e fazia tossir. A respiração tornava-se difícil. Alguns bens, muito poucos, voaram pelas janelas e a família escada abaixo, numa aflição inimaginável, num terror desmedido correu para o exterior. Deste, simplesmente, olhavam estarrecidos. Os pensamentos caóticos atropelavam-se, não era possível raciocinar. Nem as lágrimas vinham. O que pensar? O que fazer?

Os bombeiros chegaram e, num derradeiro esforço de coragem, insistiam em aplacar aquele inferno. O professor com a família (a notícia espalhara-se rapidamente e filhos já casados vieram juntar-se) olhavam, num estado de incompreensão, aquele espetáculo dantesco com uma dor tão intensa que se tornara indescritível.

Lentamente, no rescaldo, um ou outros que vieram prestar auxílio, procuravam naquele antro sufocante e em brasa, encontrar mais qualquer coisa, fosse o que fosse. Documentos, livros... roupa, nem pensar! E pensar capazmente era quase impossível.

A aurora clareou, abafada e melancólica, ouvindo-se o estrepitar contínuo do braseiro imenso em que tudo se transformou. Permanecer ali não era conveniente. Juntaram-se as tristezas e, carregando-as nos ombros cansados e nos corações destroçados, em passos lentos, pesados como chumbo, toda a família do professor, com alguns pertences, lá seguiu para se abrigarem sob o teto amigo do filho mais velho e da sua nora.

Para trás ficaram as altas paredes de pedra, escurecidas pelo fumo, com grandes fendas que o calor abria, janelas e portas vazias como olhos sem vida, registando o final estrondoso da história, rica em cultura e amor, vivida e guardada no grande edifício da escola à beira da estrada.

Como um marco, ali permaneceram, por décadas e décadas, gritando em silêncio:

"Tudo começa. Tudo acaba". As forças, a saúde, o dinamismo do professor também declinaram. A doença veio, a motivação para prosseguir nesta vida esmoreceu. As tertúlias culturais, as decisões impulsionadoras para o progresso da região saltaram para outras mãos. A música também se calou por muito tempo. O seu fim foi-se aproximando. Quantos anos mais não deu para contar. Viveram-se. Assim é a vida.

E tudo recomeça, de facto. Para os mais velhos foi o epílogo cinzento das suas vidas. Com os mais novos, novas vidas foram geradas. Outras gerações se seguiram. O olhar brilhante e curioso dos netinhos que começavam a contemplar o mundo iam amaciando as arestas ferinas.

A alegria ressurgiu através de netos e bisnetos... E mesmo estes, mais tarde, ao passarem por aquelas bandas se inquiriam.

- "De quem era a Casa Queimada?"
- "O que aconteceu?"
- "Há lá fantasmas?"

Tudo se distanciou e um dia chegou em que se decidiu recuperar o edifício, mas não para ser outra escola. Os tempos mudam, as ideias igualmente.

A Casa Queimada tinha o seu atrativo. De polo cultural e fonte de desenvolvimento da região, que antes fora, transformou-se por muitos anos num estímulo imaginário.

Agora, reconstruído o prédio, nem para um original "meeting point" é escolhido!!!

A ROTA DO ROMÂNICO EM PAREDES

Rosário Correia Machado
Diretora da Rota do Românico

► A Rota do Românico reúne, atualmente, 58 monumentos, distribuídos por 12 municípios dos vales do Sousa, Douro e Tâmega: Amarante, Baião, Castelo de Paiva, Celorico de Basto, Cinfães, Felgueiras, Lousada, Marco de Canaveses, Paços de Ferreira, Paredes, Penafiel e Resende. Para além da Torre dos Alcoforados, já abordada em edições anteriores desta revista, o concelho de Paredes possui mais quatro elementos patrimoniais integrados na Rota do Românico, que nos propomos agora apresentar.



Mosteiro de São Pedro de Cête

A fundação do Mosteiro de Cête, que a tradição atribui ao nobre D. Gonçalo Oveques, remonta ao século X. Foi restaurado, entre o final do século XIII e o princípio do século XIV, devido à iniciativa do abade D. Estevão Anes, como se pode constatar na inscrição em calcário que se encontra junto do seu túmulo.

Nessas obras foram apenas reaproveitadas, do antigo edifício, as primeiras fiadas dos muros da nave e o portal sul voltado para o claustro. A Igreja, apesar da reforma gótica, testemunha a longa aceitação no tempo das formas e do modo de construir românicos.

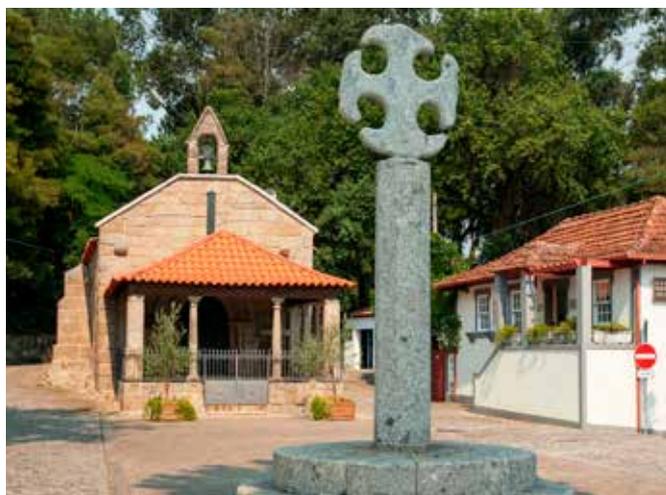
A torre sineira abriga a capela funerária de D. Gonçalo Oveques, reformada, tal como a sala do capítulo e o claustro, no período Manuelino, nos séculos XV-XVI.

Em 1551, o Mosteiro deixou de pertencer à Ordem Beneditina, tendo sido anexado ao Colégio da Graça dos Eremitas de Santo Agostinho, de Coimbra.

Destaque, no interior da igreja, para as imagens de São Pedro, de Santa Luzia e de Nossa Senhora da Graça, em pedra calcária, e para a pintura mural de São Sebastião, datada do século XVI.

Em 1910, o Mosteiro de Cête foi classificado como Monumento Nacional e, em 2008, foi incluído no projeto da “Rota do Românico do Vale do Sousa” (apresentado publicamente nesse ano), entretanto renomeado como “Rota do Românico” após a integração dos municípios do Baixo Tâmega e do Douro Sul, em 2010.

Em 2015, no âmbito da Rota do Românico, a igreja foi alvo de trabalhos de conservação ao nível das coberturas, paramentos e vãos, tendo sido também criada uma rampa de acesso para pessoas com mobilidade reduzida e remodelado o espaço funcional da sacristia.



Ermida da Nossa Senhora do Vale

A Ermida da Senhora do Vale, em Cête, deverá ter sido construída nos finais século XV ou inícios do século XVI.

O portal principal e a sua escultura mostram como a ornamentação da Época Medieval, românica e gótica, se prolongou no tempo. A Ermida é composta por nave retangular e capela-mor quadrangular, com coberturas de madeira, sendo que a capela terá recebido, inicialmente, abóbada de cruzaria de ogivas, em pedra.

Este monumento conserva vestígios de pintura mural, com representações de anjos músicos. Esta pintura, datável de 1530-1540, indicia a presença de uma oficina de grande qualidade, ligada provavelmente ao mestre Arnaus.

A presença do púlpito no exterior da Ermida deve ser entendida no âmbito da romaria, já que a grande afluência de fiéis obrigava à celebração ao ar livre. Tanto o alpendre como o púlpito são comuns neste tipo de ermidas devocionais.

A localização desta Ermida explica a evocação de Nossa Senhora do Vale, mostrando como a sua fundação está ligada aos interesses agrícolas e à religiosidade da população local.

Em 1950, a Ermida foi classificada como Imóvel de Interesse Público e, em 2008, foi incluída na “Rota do Românico do Vale do Sousa”. Entre 2004 e 2006, no quadro daquele projeto, e, em 2013, já sob a iniciativa da Rota do Românico, a Ermida do Vale sofreu um vasto conjunto de intervenções de conservação e salvaguarda, tendo como objeto as coberturas, paramentos, vãos, tetos, pavimentos, instalação elétrica, pinturas, retábulos e estatuária.



Torre do Castelo de Aguiar de Sousa

De acesso difícil, rodeado por montes mais altos que lhe retiram visibilidade, o antigo Castelo de Aguiar de Sousa situava-se na rede defensiva do território, a que os reis Asturianos deram particular atenção, nos séculos IX e X.

No contexto das guerras da Reconquista, as crónicas cristãs referem a tomada do Castelo, no ano de 995, pelo general muçulmano Almançor, aquando das suas incursões para Santiago de Compostela.

Este Castelo encabeçou uma “Terra” no processo da reorganização administrativa do território decorrido ao longo do século XI e um importante “Julgado”, já no século XIII.

A Torre do Castelo de Aguiar de Sousa apresenta uma estrutura de planta quadrangular, descentralizada dos vestígios do contorno da muralha.

No século XII, o Castelo não deveria possuir ainda a Torre, embora seja já próprio da Época Medieval a existência da torre de menagem no interior da cerca amuralhada superior. Nos finais do século XIII, o Castelo de Aguiar de Sousa terá sido abandonado.

Classificado como Monumento de Interesse Público em 2012, esta Torre e a área envolvente receberam profundos trabalhos de conservação, salvaguarda e manutenção que lhes devolveram a dignidade patrimonial e paisagística. Dinamizados pela Rota do Românico, estes trabalhos, incluindo os de natureza arqueológica, decorreram entre os anos de 2007 e 2015.



Capela da Senhora da Piedade da Quintã

A esta Capela, edificada no lugar da Quintã, em Baltar, são atribuídas duas designações resultantes de duas invocações marianas nascidas na Época Medieval: Senhora da Piedade e/ou Senhora da Quintã. Ambas as invocações tinham, contudo, a mesma missão: defender a área agrícola da extinta honra de Baltar, na qual se integrava a Capela ou Ermida, como é referida nas Memórias Paroquiais de 1758.

Na capela-mor, os cachorros de proa anunciam o gótico e permitem datar a sua construção entre os séculos XIII e XIV. No interior, destaca-se o talhe cuidado dos silhares, de boa esquadria, nomeadamente os que compõem o arco triunfal e que denunciam a intervenção da Época Moderna.

Foi já nesta Época que se terá ampliado esta pequena ermida medieval, acrescentando-lhe uma nave. Esta ampliação é facilmente visível no exterior pela disposição dos silhares, de aspeto mais vernacular que o da cabeceira (a ermida primitiva), e revela-se no portal principal com aduelas de perfil irregular.

Em 2010, a Capela da Quintã, tal como a Torre dos Alcoforados, foi integrada na Rota do Românico e foi já no âmbito deste projeto turístico-cultural que, em 2015, foi objeto de significativas obras ao nível das coberturas, paramentos, vãos exteriores e espaço envolvente.



O CRIME DE ABANDONO DOS IDOSOS

Sílvia Rebanda

Advogada



“O pior dos castigos é o abandono” Jefferson Bonatto

► O crime de abandono, previsto no artº 138º do Código Penal, tem sido pouco utilizado para punir o abandono de idosos, perpetrado, a maioria das vezes, pelos próprios familiares. Os casos punidos por este crime dizem respeito, regra geral, a proprietários de lares ilegais e respectivos funcionários. Agora, no entanto, a Segurança Social pretende ver esta situação alterada: todas as situações de abandono de idosos pelos próprios familiares de que aquele organismo tenha conhecimento são denunciadas ao Ministério Público para investigação.

Têm sido frequentes os casos de abandono de idosos no nosso País, seja em lares, muitas vezes ilegais e sem quaisquer condições, seja em hospitais.

Muitos familiares, porque não têm condições económicas, espaço, tempo ou simplesmente vontade para cuidar dos seus idosos, optam por deixá-los em lares, sendo comum indicarem uma morada ou um número de telemóvel falsos para não poderem ser contactados.

Centenas de idosos são igualmente abandonados, por ano, nos hospitais portugueses. Só num dos hospitais de Lisboa são abandonados cerca de 200. Embora estes idosos tenham alta clínica, não têm a chamada “alta social” porque ninguém os vai buscar.

O abandono é também uma forma de violência contra os idosos.

De acordo com as estatísticas, a prática deste tipo de crime tem vindo a aumentar, embora haja quem alerte para o facto de, na realidade, não haver mais violência contra os idosos, mas ser mais denunciada.

Segundo dados da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, os crimes contra idosos surgem, na maior parte das vezes, contra o sexo feminino. Já quanto ao tipo de violência mais comum sempre foi a física, porém, agora assiste-se a uma predominância da violência psicológica.

A violência pode ser evitada e as suas consequências reduzidas.

Os factores responsáveis por reacções violentas, quer sejam devido a atitudes e comportamentos ou a condições sociais, económicas, políticas e culturais mais amplas, podem ser modificados.

É possível prevenir a violência contra os idosos. Não é uma questão de fé, é sim uma questão baseada em evidências constatadas a partir de exemplos de sucesso em todo o mundo, desde acções individuais e comunitárias de pequena escala até políticas nacionais e iniciativas do poder legislativo. Assim, haja vontade.

“Ai do homem que não respeitar os idosos.

Um dia serás um também e então
implorarás auxílio que não virá”

Autor desconhecido

A autora escreve de acordo com a antiga ortografia.

NESTA 3.^a VIAGEM VOU FALAR DO NOSSO MOSTEIRO!...

VIAGENS DE ANTANHO (III)

Vítor Moreira

Professor do Ensino Secundário

O Mosteiro de São Salvador de Lordelo

► Quantos lordelenses saberão que há muitos... mesmo muitos anos... se fundou na nossa terra um mosteiro? Se calhar são poucos os que ouviram falar em tal e, como o saber não ocupa lugar, hoje vou dar a conhecer esse mosteiro dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho...

Foi tão pouco estudado que não se sabe ao certo a data da sua fundação, nem quando deixou de existir nem onde se localizou. Escreveu-se tão pouco sobre ele que a própria História quase já o esqueceu. José do Barreiro, na sua monografia de 1922, diz que perto da Ferrugenta há um monte a que chamam Mosteiro mas,... mais adiante diz..., que isso não tem importância e parece que onde hoje está a Igreja também houve convento. Ao ler estas palavras ficamos ainda mais confusos!... Será que tivemos dois mosteiros em Lordelo, um na Ferrugenta e outro na Igreja? É muito pouco provável que assim tenha sido. Se a esses dois juntássemos o de Vilela passariam a ser três com existência ombro a ombro, quase colados uns aos outros. Como sou um apaixonado por coisas antigas resolvi meter os pés ao caminho e “bisbilhotar”, mais uma vez, em documentos antigos que nos transportam a um passado muito longínquo...

Vou, então, relatar o que consegui descobrir. Será muito

pouco mas, é verdade, que a História não se faz, vai-se fazendo e... quem corre por gosto não cansa. Ao investigar, fui dissipando dúvidas e fiquei com algumas certezas.

No Arquivo da nossa Paróquia, há centenas de prazos que referem o Mosteiro e que referem a “*ponte de Soutello*” que mencionei na viagem anterior, que existiu em Penhas Altas, e da qual só chegaram até aos nossos dias apenas ruínas dos dois pilares dessa ponte em pau. Ficava apenas a uns escassos metros da ponte do Pinguela também chamada do Cibo. Aí existiu um engenho de serrar madeira, movido pela força das águas do rio Ferreira. Essa ponte era referenciada pelos tabeliões da época que referenciavam os abades que viviam nesse mosteiro e o localizavam sempre no lado pertencente ao julgado de Aguiar de Sousa. Como este julgado ficava na margem esquerda do rio, o mosteiro também só podia situar-se nessa margem e, por esse motivo, do lado da Igreja. Na nossa atual Igreja matriz ainda existem muitos vestígios desse Mosteiro. Na minha modesta opinião, na Ferrugenta nunca existiu um mosteiro. Não há um único indício que o confirme.

Nestas fotografias podem-se ver vestígios do mosteiro, pertencentes à antiga abadia.





Quando teria sido fundado o nosso Mosteiro?

Numa folha solta e rubricada, que faz parte do documento n.º 32 do Arquivo Antigo da nossa paróquia, há uma referência ao Mosteiro que menciona a sua existência no reinado de D. Afonso II, que foi rei de 1211 a 1223. As Inquirições de 1258 também já o referem, mas não consegui encontrar a data da sua fundação. Talvez tenha sido fundado no século XII.

E quando teria sido extinto?

Sobre a sua extinção há muitas dúvidas. Há quem diga que em 1547 já estaria desabitado, mas que em 1478 ainda existia e era dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho. Dizer-se que em 1547 já estaria desabitado causa-me muitas dúvidas ... pois, continuei a encontrá-lo mencionado em muitos documentos posteriores a essa data.

Encontrei um prazo de 1825 que dizia:

“... de 1825, aos vinte e quatro dias do mês de Novembro do dito anno em o Monte do Sagial, que hé da frega de Sam Miguel desta Honra de Baltar da Comarca e Correição da Villa de Barcellos ... aparecerão ... de huma parte o Reverendo Manoel Teixeira de Souza Abbade da Igreja e Mosteiro do Salvador de Lordelo do concelho de Aguiar de Souza e da outra Manoel Moreira e sua mulher Maria do Ó d´Oliveira do lugar da Villa, Manoel Ferreira e sua mulher... do lugar da Campa e Manoel Ferreira e sua mulher... do lugar da Ferrugenta, todos da dita freg.^a de

Lordello da parte do concelho de Reffojos de Riba d´Ave...”

Como se pode verificar, em 1825 o nosso Mosteiro ainda era referenciado e em 1828 ainda foi mencionado noutro prazo, talvez o último a referenciá-lo. Mas há muitos e muitos documentos que continuam a mencionar o nosso Mosteiro de Lordelo nos séculos XVI e seguintes.

Também li que, pouco depois de 1476, o mosteiro foi extinto e convertido em abadia secular. Será que a referência ao mosteiro desde 1476 até ao ano de 1828 foi apenas um vício de linguagem? Não sei responder com certezas mas sei que existiu e tem séculos de existência. Nasceu, paredes meias com Portugal, há quase nove séculos... e o último ano em que o encontrei referenciado foi o de 1828. O leitor pode encontrar centenas de prazos que referem o Mosteiro de Lordelo e se encontram no Arquivo da nossa paróquia. São documentos muito importantes e que referem pormenorizadamente muitos casais pertencentes ao Mosteiro.

Na monografia sobre Lordelo que estou a escrever e quase concluída, existe um capítulo que refere com mais detalhe o nosso Mosteiro e a divisão do território de Lordelo em 3 partes, a saber:

- Uma pertencente ao Julgado de Refojos de Riba D´Ave;
- Outra pertencente ao Julgado de Aguiar de Sousa;
- E uma pequena parte pertencente à Honra de Frazão.

O nosso Mosteiro de Lordelo deve ter sido de parcos recursos mas que existiu não há a mínima dúvida!

RECORDANDO O PROFESSOR DOUTOR DANIEL SERRÃO...

Ana Maria Martins



► Cumpre-nos homenagear a personalidade do Professor Doutor Daniel Serrão, reconhecendo o privilégio da sua presença na Fundação A LORD em conferências e da sua colaboração na revista “Presença”.

Como forma de manter presente o seu pensamento, justifica-se salientar alguns dos temas apresentados pelo Professor em várias intervenções. A título de exemplo, sobre o tema “A Família Hoje!”, o Professor considerou esta realidade sociológica, com variáveis que levam a distinguir vários tipos de família: monogâmica, monoparental, recomposta... A este propósito, defendeu que “é muito mais fácil e melhor para as crianças que elas nasçam e cresçam num matrimónio estável e monogâmico...”.

É, também, significativo referir o artigo “Novos Saberes Sobre o Cérebro Humano”, inserido na revista “Presença”, onde se destaca a sua dimensão científica de investigador em prol do conhecimento.

Neste artigo, numa linguagem acessível, o Professor explicou

como é feito o cérebro, como funciona e como constitui o centro da vida de uma pessoa ao longo do tempo. Ao equacionar estas questões alertou-nos para o facto de sermos essencialmente cérebro, sendo, muitas vezes, o cérebro a decidir contra nós próprios, quando se usa a resposta emocional no lugar da resposta racional.

Segundo o professor Daniel Serrão, é aconselhável atingir um equilíbrio: “Este é um equilíbrio difícil, mas o bem-estar de cada um está nas duas formas de viver e de decidir. Temos de desenvolver a sabedoria de usar o cérebro para sermos ora emocionais ora racionais e assim atingirmos o modo de viver bem no limitado tempo que nos é dado”.

Testemunhou-se, ao longo das suas intervenções, a singularidade de uma personalidade com uma dimensão cultural excepcional, associada a um humanismo marcante que se traduzia numa simplicidade e proximidade junto de quem o ouvia.

Poesia

**São essencialmente as palavras
que interessam aos poetas.
Palavras que tecem filamentos
de emoções...**

Ana Maria Cabral

Professora do Ensino Básico

Porquê?

Porquê tanta tristeza
No que sinto e no que vejo?
Porquê tanta incerteza
Se só paz é que desejo?
Porquê tanta fadiga
No que digo e no que faço?
Porquê em mim tanta vida
Que me dá tanto cansaço?

Porquê Senhor esta Cruz
Tão custosa de sofrer?
Porquê, diz-me Jesus
Queres que aprenda a viver?
Viverei então Senhor
Sorrirrei cada momento
Pensarei no sol, na flor
Nas estrelas do Firmamento
Que brilham no seu fulgor
Não se cansando no tempo.

Chuva

Soltou-se a chuva abundante e forte
No lindo jardim relvado e florido
O melro negro soltou um gemido
Pensando no seu ninho, já sem sorte.

Das nuvens vão-se desprendendo as gotas
São lágrimas, vindas do céu, caindo
O frio, até à Terra, vem vindo
O mar revolto, espanta gaivotas.

E lá o negrume do Firmamento
Que parece sim, jamais acabar!
É um espaço largo de lamento.

A chuva, lentamente, vai parar
A Natureza cria seu alento
Leve respira, o sol vai voltar!

Doce Mar

O dia estava límpido
Como eu gostaria
Que estivesse a minha alma

O céu tão azul
Encostava-se ao mar
Num compromisso doce e delicado
Como eu gostaria
De encostar a cabeça no teu peito
Num gesto abandonado

E ali ficar ouvindo o teu coração
Num bater compassado
Como as ondas na areia
Que começam no horizonte
E acabam no leito molhado da praia

Como eu gostaria
De adormecer nos teus braços
Como a água do mar
Que à luz do luar desmaia.

Donzília Martins

Professora do Ensino Secundário

Sei

Sei que o tempo corre sem parar!
A vida é um sopro, um momento, um estalar
De dedos em convulsão.
Devo pois aproveitar cada instante
Escrever só rosas e sorrisos daqui para diante
Porque isso é o que me pede o coração.

Sei que agora a vida é bem diferente
Que meus passos cansados se perdem entre a gente
E que abraços e beijos já perdi.
Mas sei também que guardei a fé e a esperança
Que caminho firme com paz e confiança
Pois sei que muito amei e bem vivi.

Sei que na espuma das horas ainda vou sorrindo
Que os filhos do amor na vida vão abrindo
Caminho de luz para eu passar.
E que, quando um dia for chegado o fim
Sei que terei seu calor e amor junto de mim
E na eternidade me irão sempre recordar.

Manhã

Erguem-se as casas
rentes ao nevoeiro.
Pegadas ao chão nem balançam sombras
porque o sol sumiu.

Este abril molhado e frio
só tem rios pela rua
e as árvores choram cansadas.

A ameixeira bem tenta abrir as flores
que, sem perfume e amarguradas
clamam por mel, seus amores.

Nesta manhã cinza, nada bole!
Os meus dedos agarram o vazio do espaço
na paisagem anoitecida.

Porém, nesta inquietude
dou graças à vida.

Torga

Tu olhavas o mondego sereno e manso!
Eu olho a tua janela e não me canso
De te recordar.
Na esplanada, em frente, navego pelo tempo
Das coisas belas escritas e o meu pensamento
Voa sem parar.

Torga, tua raiz transmontana é também a minha
Tu de haste perfumada, eu, simples avezinha
Com cheiro a alecrim.
Agora chega ao meu peito um bolero de Ravel
Do tocador de concertina que agarra com mel
Os passeantes que passam por mim.

Passa a Isaura Caridade e falo-lhe de ti!
- Quem? Não sei quem é, nunca ouvi!!!
Eu digo-lhe que foste o maior poeta e escritor.
- Ah! Responde cheia de humildade a CARIDADE:
- "Eu ando a aprender Portugal" é a verdade...
Ah! Grande Torga, ganhei uma amiga pelo teu Amor.

Felizmente há os versos

São eles que me varrem da alma a dor
Que me abrem sorrisos cada alvor
Quando vagueio sozinha pela casa.
São eles meu refúgio, minha paz
Quando a tarde desce e raivosa traz
Meu sonho partido, meu ninho sem asa.

As minhas mãos paradas no papel
Buscam nas sombras e versos de mel
Recomeçar novo sonho iluminado.
Então, as palavras criam sons e vidas
As cores das árvores do quintal abrem renascidas
Fazendo um poema ao meu chão abandonado.

O céu de chumbo vira azul naquela hora
Em que o verso caminha linha fora
Neste caderno só para mim...
Depois, pensando melhor, ponho-o a voar
Para que outros possam também sonhar
E viver em pleno a vida até ao fim.

Eventos Externos



▶ A Fundação A LORD disponibilizou os seus espaços e equipamentos - Auditório, Biblioteca, Museu e Salão Nobre - a algumas entidades coletivas e individuais que os requisitaram.

Em 2017, dezoito entidades promoveram várias atividades entre elas: entrega de prémios, apresentação de livros, projeção de filmes, sessões de música, dança e teatro.

O esquema seguinte espelha as instituições que solicitaram os espaços anteriormente referidos.

AUDITÓRIO

04-02-2017

Grupo Cultural e Recreativo de Lordelo "Os Expansivos"

18-02-2017

Carolina Oliveira

31-03-2017

Colégio Nova Encosta

8 e 9-04-2017

ASTRO FINGIDO - Associação Cultural

05-05-2017

Grande Colégio de Paredes

13-05-2017

Catarina Pedrosa e Miguel Rodrigues

27-05-2017

Associação Código Musical

03-06-2017

Aliados Futebol Clube

17-06-2017

Academia de Música e Artes de Freamunde

15-07-2017

Geração Colorida

18-07-2017

Conservatória de Dança do Vale do Sousa

22-07-2017

USC Paredes II - Associação Desportiva

29-07-2017

Ginásio Memorial Center

10-11-2017

Agrupamento de Escolas de Lordelo

10-12-2017

Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Lordelo

17-12-2017

Associação Código Musical

BIBLIOTECA E MUSEU

14-06-2017

Letícia Brito

SALÃO NOBRE

04-04-2017

Agrupamento de Escolas de Lordelo e Comissão de Proteção de Crianças e Jovens de Paredes